



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES
ARTES VISUAIS

MUSEU DAS CICATRIZES:
Uma experiência artística através do próprio corpo

MARCOS DOS REIS MELO MENEZES

Uberlândia, MG
2025

MARCOS DOS REIS MELO MENEZES

MUSEU DAS CICATRIZES:

Uma experiência artística através do próprio corpo.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Artes Visuais da
Universidade Federal de Uberlândia,
como requisito parcial à obtenção do
título de Bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Patricia Andrea
Soto Osses. Linha de pesquisa Poéticas
do Corpo e Instalação.

Uberlândia, MG
2025

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudos e pesquisa, desde que citada à fonte. Copyright
© 2025 Marcos dos Reis Melo Menezes

MENEZES, Marcos dos Reis Melo, 1999-

Museu das cicatrizes: Uma experiência artística através do próprio corpo / Marcos dos Reis Melo Menezes. 2025 – Uberlândia, MG, 2025.

37 f. : il.

Orientadora: Dr. Patricia Osses.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Artes, Curso de Artes Visuais, 2025.

CDU: 7/ 1. Artes visuais, 2. Corpo na arte. 3.Instalação artística.
I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo próprio autor

MARCOS DOS REIS MELO MENEZES

MUSEU DAS CICATRIZES:

Uma experiência artística através do próprio corpo

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Artes Visuais da
Universidade Federal de Uberlândia,
como requisito parcial à obtenção do
título de Bacharel.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Patricia Andrea Soto Osses - IARTE, UFU (orientador)

Prof. Dr. Roberta Maira de Melo – IARTE, UFU

Prof. Dr. Marcia Franco dos Santos Silva – IARTE, UFU

Uberlândia - MG
2025

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar meus mais sinceros e singelos sentimentos de gratidão a todos que contribuíram para a realização deste trabalho. Em primeiro lugar, agradeço à minha orientadora, Patrícia Osses pela orientação, paciência e valiosas sugestões ao longo de todo o processo que sem dúvidas fizeram toda diferença. Seu conhecimento e dedicação foram fundamentais para meu aprendizado e para a conclusão deste TCC. Agradeço também às minhas amigas (Ester Albuquerque, Milena Barbosa e Jessica Gabriela Rocha) e em especial a minha amiga Laura Pazini, que sempre me inspirou na educação e a Kerenn Hapuque Simões que esteve comigo desde o primeiro dia de curso e que me encorajou a não desistir, pelo apoio e pelas discussões enriquecedoras que tivemos. Cada um de vocês teve um papel importante na construção deste trabalho.

Por fim, agradeço a UFU, por proporcionar acesso à formação superior gratuita e de qualidade, a banca examinadora, e pessoas e instituições que, de alguma forma, contribuíram com dados e informações essenciais para o desenvolvimento deste trabalho.

Muito obrigado a todos!

RESUMO

Neste estudo, onde se encontram princípios e ideias sobre arte e fotografia, busco explorar o meu próprio olhar sobre o corpo, registrando fotografias de cicatrizes adquiridas ao longo da vida em sua relação com a arte corporal, a foto instalação e a performance. Partindo da experiência do Ateliê de Experimentações do Corpo, onde iniciei uma jornada de conhecimento que entende o corpo como protagonista de projetos em arte, dou continuidade a desdobramentos da pesquisa que ali iniciei sobre cicatrizes do corpo, relações com a pele e suas características através do autorretrato. No seu formato final, o trabalho das fotografias se projeta como instalação em um ambiente imersivo, onde aos registros são adicionadas frases ou palavras escritas que conversam com as imagens de forma humorística, reflexiva e instigante ao espectador.

Palavras-Chave: Artes, Instalação, Cicatrizes, Corpo, Fotografia.

ABSTRACT

This study explores principles and ideas related to art and photography through a personal perspective of the body, capturing photographs of scars acquired throughout life and relating them to body art, photo installation, and performance. Beginning with the experience of the Body Experimentation Studio, where I started a journey that views the body as the protagonist in artistic projects, I continue the research I initiated there on bodily scars, the relationship with the skin, and its characteristics through self-portraits. In its final form, the photographic work is presented as an installation in an immersive environment, where written words or phrases are added to the images, engaging with them in humorous, reflective, and thought-provoking ways for the viewer.

Keywords: Arts, Installation, Scars, Body, Photography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Comparação do rosto jovem com um rosto com rugas.....	15
Figura 2 Síndrome da louça quebrada de kintsukuroi.....	135
Figura 3 Álbum Lana Del Rey - Did You Know That There's a Tunnel Under Ocean Blvd (2023).....	17
Figura 4 Kira O'Reilly.....	19
Figura 5 KIRA O'REILLY AND MANUEL VASON.....	20
Figura 6 Jovem grávida que sofreu mastectomia.....	22
Figura 7 Scar Project, idealizado pelo fotógrafo David Jay.....	23
Figura 8 A pele é o que separa o corpo do mundo.....	24
Figura 9 Obra Exposure de Fernanda feher.....	26
Figura 10 Aprenda novos poderes.....	27
Figura 11 Instalação tropicália de Hélio Oiticica.....	28
Figura 12 Obra O Banquete (The Dinner Party), da artista norte-americana Judy Chicago (1939).....	30
Figura 13 A Casa é o Corpo: labirinto (1969) - Lygia Clark	31
Figura 14 A Instalação 'Desvio para o vermelho'	32
Figura 15 Peletería Humana (Human Furriery), Nicola Costantino, 1996-2003.....	34
Figura 16 Nicola Costantino. Savon de corps, 2004, presentación en Galería Rutn Benzacar con duratrans en caja acrílica.....	35
Figura 17 Interiors, 1999-2001.....	37
Figura 18 'Flutuando' da série 'Lugares de Poder', 2013." - Marina Abramovic.....	38
Figura 19 Annonciation (2009) - Elina Brotherus.....	42
Figura 20 Imagem da serie Space 2, Providence, Rhode Island, 1976.....	46
Figura 21 Cicatriz da série Cicatrizes de Rosangela rennó.....	51
Figura 22 Maquete de esboço da exposição.....	53
Figura 23 Duane Michals, Madame Schrödinger's Cat. 1998.....	57
Figura 24 Museu das cicatrizes.....	59
Figura 25 Artista e curador da exposição Marcos Reis.....	60
Figura 26 Museu das cicatrizes.....	61
Figura 27 Kerenn 1.....	62
Figura 28 Kerenn 2.....	63

Figura 30 Aquela piranha.....	64
Figura 31 Tão gostoso que rachou.....	65
Figura 32 Aquela piranha feat (calos).....	66
Figura 33 Linhas.....	67
Figura 34 Vacina.....	68
Figura 35 Cerveja	69
Figura 36 Facada Mal dada?.....	70
Figura 37 Psoríasis.....	71
Figura 38 Sorrisos.....	72
Figura 39 Acne.....	73
Figura 40 Asfalto.....	74
Figura 41 Marca de nascença.....	75
Figura 42 Aquela Abelha.....	76
Figura 43 Iam mermaid.....	77
Figura 44 Tattoo.....	78
Figura 45 Marca da Arte manual.....	79
Figura 46 Linha da vida marcada.....	80
Figura 47 Catapora.....	81
Figura 48 Amor de pet.....	82
Figura 49 Tristeza zone.....	83
Figura 50 Dedos de artista.....	84
Figura 51 Marcos Reis.....	85

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. A PELE	13
2.1. Relação com a pele: as cicatrizes.	13
2.2. Kintsugi: o tempo e a impermanência.	14
2.3. Cicatrizes e a Fotografia: Artistas marcados	19
2.4. Textura: Pele, Matéria e Imaginação	25
2.5. Corpo e espaço: Cruzamento entre a fotografia, instalação e performance	29
3. MUSEU DAS CICATRIZES	
3.1. Da Linha ao Corpo: minha trajetória no Curso de Artes Visuais	48
3.2. A exposição.	49
3.3. Processo criativo: a instalação.	52
3.4. O Uso das Escritas: o que revelam	54
3.5. A instalação	55
3.6. As imagens	58
3.7. Galeria de fotos: Obras e exposição.	61
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
5. BIBLIOGRAFIA	90
ANEXOS	
1 Fotos tiradas na exposição do Museu das Cicatrizes.....	92
Lista de visitantes na exposição do Museu das Cicatrizes.....	98

1. INTRODUÇÃO

Desde pequeno, sempre me interessei pela arte e também pelas cicatrizes do meu corpo. Ao longo da vida, passei a enxergá-las de maneiras diferentes: na infância, eram apenas marcas curiosas; na vida adulta, algumas começaram a me incomodar, principalmente por questões estéticas. No entanto, com o tempo fui percebendo que essas cicatrizes não eram apenas sinais na pele, mas também registros de experiências, quase como memórias visíveis.

Passei a observar não só as cicatrizes resultantes de ferimentos, mas também aquelas marcas naturais do corpo, como as linhas de expressão e os sinais deixados por problemas de pele. Percebi que a relação com a própria pele é algo extraordinário, pois é nela que nossa história se inscreve, e, paradoxalmente, é o lugar que menos conhecemos, apesar de ali habitaros durante toda nossa existência.

É fascinante pensar que nenhum corpo é completamente liso ou sem marcas. Cada um carrega suas texturas e irregularidades, que se tornam um reflexo único da vivência de cada pessoa. Essa característica me faz pensar na arte, onde texturas, imperfeições e detalhes são essenciais para compor significados. Assim como na arte, as marcas do corpo também contam histórias e fazem parte da nossa identidade.

As cicatrizes sempre foram uma questão social e estética para a sociedade em geral, incômodo de algo não poderia ser evitado, quase um acaso. Quando iniciei o Ateliê de Experimentações do Corpo no curso de Artes Visuais, alguns estranhamentos surgiram ao pensar nas possibilidades de criar obras ou projetos artísticos relacionados ao corpo. Desde sempre meu processo criativo havia sido focado em desenho, pintura e arte tridimensional, e naquele início de um novo aprendizado, me vi desafiado como artista.

Após buscar conhecimento sobre artistas que executavam trabalhos a partir do próprio corpo, tais como Elina Brotherus, Nicola Constantino, entre outros, tivemos como objetivo elaborar um projeto final para o Ateliê que se conectava com o corpo, gerando uma espécie de museu a partir de si mesmo. Sempre gostei muito da literalidade, de forma que o projeto me instigou a pensar sobre um museu de meu próprio corpo ou talvez do corpo como museu.

Naquele início não imaginava que o trabalho final teria desdobramentos maiores, trazendo à tona questões relacionadas ao meu corpo e à forma como lido com tantas marcas que ele carrega.

Neste Trabalho de Conclusão de Curso , que se desenvolve como extensão do trabalho mencionado, relato de uma forma mais abrangente as cicatrizes do meu corpo através da presença da linguagem escrita, com palavras que aparecem junto às imagens e que estariam diretamente relacionadas aos acontecimentos que as causaram, mas também de forma humorística e irônica, levando o espectador a pensar na veracidade ou não dos fatos e em como as frases constroem uma narrativa paralela, continuam a fazer parte do corpo das imagens e as modificam.

Abordando a relação com meu corpo a partir da pele e das cicatrizes, mergulho em uma trajetória de conhecimento a partir desse corpo e da procura pelo amadurecimento artístico, pensando em formas propostas como a performance e a foto instalação, entre outros aspectos que dão origem à instalação final.

Diante dessa investigação, senti a necessidade de ampliar meu repertório e compreender como outros artistas lidam com temas semelhantes. Com isso, busquei experiências e exemplos de autores que também desenvolveram trabalhos voltados ao corpo, às cicatrizes e à memória. Essa pesquisa me permitiu não apenas ampliar meu olhar sobre o assunto, mas também aprofundar o entendimento das possibilidades estéticas e simbólicas que envolvem a relação com o próprio corpo. A partir dessas referências, fui capaz de construir com mais consciência e propriedade o meu próprio processo criativo, conectando vivências pessoais com um contexto artístico mais amplo e transformador.

2. A pele

2.1 Relação com a pele: as cicatrizes.

O estudo sobre as cicatrizes do corpo humano apresenta uma abordagem poética e reflexiva sobre a relação entre a pele e a memória. Inicialmente, as marcas no corpo podem ser percebidas apenas sob um viés estético, gerando incômodos para algumas pessoas. No entanto, ao longo do tempo, essas marcas adquirem novos significados, passando a ser interpretadas como registros visíveis de experiências vividas.

A pele, por sua natureza, contém texturas, marcas de expressão e sinais que surgem naturalmente ao longo da vida. Esse aspecto revela a pele como um elemento de identidade e história pessoal, destacando sua complexidade. A análise desse tema sugere uma conexão entre as marcas corporais e a arte, considerando que a textura e as particularidades da pele possuem semelhanças com elementos artísticos, onde as imperfeições e variações fazem parte da construção visual e estética.

Dessa forma, as cicatrizes deixam de ser vistas apenas como imperfeições e passam a integrar um universo simbólico, no qual cada marca conta uma história e se insere em um contexto mais amplo de autoconhecimento e expressão.

“Lembremos também que, se podemos ser tocados de modo indolor, tal se dá exatamente porque nossa pele possui essa textura paradoxal: a de uma superfície dotada de certa profundidade. Por isso também ela é sempre renovada, ao mesmo tempo viva “em profundidade” e “superficialmente” morta, nela se embaralhando a oposição nítida entre vida e morte.” Le Breton (2003).

De acordo com FERRAZ, 2013, este trecho aborda uma reflexão interessante sobre a natureza paradoxal da pele humana. Ele destaca como a pele, apesar de ser uma superfície externa que nos protege do mundo exterior, também possui uma profundidade e uma vitalidade interna. A ideia de que a pele é "viva em profundidade" e "superficialmente

morta" ressalta a complexidade desse órgão e sua importância não apenas como uma barreira física, mas também como um elemento essencial na nossa percepção do mundo e na nossa interação com ele. Além disso, a menção da "textura paradoxal" da pele e como ela nos permite ser tocados de maneira indolor destaca como a pele é uma interface entre o nosso corpo e o mundo, simultaneamente sensível e resistente. Essa reflexão nos convida a considerar a pele não apenas como uma estrutura física, mas também como um símbolo da nossa própria existência e das complexidades da vida e da morte.

2.2 Kintsugi: o tempo e a impermanência.

A filosofia do kintsugi, arte japonesa de reparar cerâmicas quebradas com ouro, nos ensina que as marcas do tempo não devem ser ocultadas, mas sim valorizadas. Assim como essa prática, podemos enxergar as cicatrizes do nosso corpo como registros das experiências vividas, reflexos de nossa trajetória repleta de desafios, superações e conquistas. Com o passar dos anos, as marcas da velhice vão surgindo na pele como rugas, manchas, cicatrizes, cada uma contando uma história. Mas nem todas as cicatrizes são visíveis. Algumas, carregamos dentro de nós, resultado das mudanças, perdas e transformações inevitáveis da vida.

A impermanência é um conceito essencial no budismo, lembrando que tudo está em constante mudança. Embora algumas coisas pareçam durar para sempre, como um endereço familiar ou um programa de televisão que atravessa gerações, o tempo inevitavelmente promove transformações. Relações se modificam, preferências se alteram e ciclos se encerram. Na contemporaneidade, vivemos em uma sociedade que busca incessantemente a juventude e a perfeição, esforçando-se por apagar os sinais deixados pelo tempo. Entretanto, aceitar e valorizar as marcas da vida é uma forma poderosa de reconhecer a própria trajetória e celebrar a beleza da maturidade. As cicatrizes, portanto, não são falhas, mas testemunhos de tudo o que foi vivido e superado (SERAFIM, 2024).

Serafim 2024, o autor continua afirmando que o *kintsugi* nos ensina a enxergar beleza naquilo que se rompe, reconhecendo que as mudanças do corpo, as alegrias e tristezas, as conquistas e frustrações fazem parte de um processo contínuo de transformação. Cada marca, visível ou não, carrega uma história, um aprendizado, um momento que nos moldou.

Ao longo da vida, acumulamos cicatrizes, algumas na pele, outras profundamente enraizadas dentro de nós. O tempo avança, trazendo mudanças inevitáveis, mas também nos fortalece. As rugas, os cabelos grisalhos e as dores ocasionais são reflexos de uma trajetória vivida com intensidade. No entanto, as marcas mais significativas nem sempre estão à vista: a perda de um ente querido, desafios familiares, separações, recomeços, decepções e aprendizados que deixam rastros invisíveis, mas igualmente transformadores.

Somos seres em constante reconstrução, imperfeitos, mas resilientes. Nossas cicatrizes internas e externas são testemunhos da nossa jornada, da capacidade de seguir em frente, de nos reinventarmos diante das adversidades. Aceitá-las com maturidade e admiração significa reconhecer que cada experiência, por mais difícil que tenha sido, nos tornou quem somos hoje. Afinal, é justamente nesses "remendos" que reside nossa verdadeira força.

CICATRIZES

Acho que as cicatrizes são como ferimentos de guerra
Têm certa beleza. Elas mostram o que você enfrentou e
Como é forte por ter superado.
Uma cicatriz é o símbolo da superação de algo profundo.
Alguns têm cicatrizes físicas e visíveis;
Olhar para elas nos lembra de uma difícil jornada.
Para muitos, as cicatrizes são invisíveis
Metáfora de uma batalha que lutamos e vencemos.
OBJETIVO: Reflita sobre suas cicatrizes e sobre como elas
O ajudaram a moldar sua vida para melhor.
(Demi Lovato - Livro Staying Strong) 2013.

Figura 1: Comparação do rosto jovem com um rosto com rugas



https://www.google.com.br/search?q=rosto+enrugado++pessoas+com+80+anos+com+cicatriz&sca_esv=aff5b07d3c99793e&udmN_AmsPgM

Figura 2: Síndrome da louça quebrada de kintsukuroi.



<https://www.linkedin.com/pulse/sabedoria-por-tr%C3%A1s-do-kintsukuroi-renato-henriques/>

A cantora **Lana Del Rey** utiliza o *kintsugi* em sua obra como imagem poética, abordando o luto pela perda de familiares e o processo de reconstrução emocional que surge após a dor. Em entrevista à *Rolling Stone UK*, a artista relata como a vivência da morte do tio, cercada pela família, lhe trouxe uma epifania sobre o sentido de cantar e sobre os vínculos afetivos. Em seus versos, Lana associa o ato de se sentir “rachada” a uma abertura simbólica para a luz e a cura, trazendo à tona a ideia de que é justamente por meio das feridas que a transformação acontece.

Trecho da música *Kintsugi* – Lana Del Rey (2023)

(tradução e adaptação resumida)

Há um certo ponto do qual o corpo não pode voltar
 Em um ano, aprendemos a curva da boca
 A profundidade que a cavidade torácica assume
 Chucky estava lá em três de três
 Eu estava lá no terceiro porque eu não podia estar
 Lá para aquele que estava mais perto de mim
 Mas eu não posso dizer que eu correria quando as coisas ficassem difíceis
 É só que eu não confio em mim mesmo com meu coração
 Mas eu tive que deixá-lo quebrar um pouco mais
 Porque eles dizem que é para isso que ele serve
 ...
 É assim que a luz brilha
 É assim que a luz brilha
 É assim que a luz entra (Mm-mm)
 ...
 Então todos estavam lá, eles estavam parados, rindo
 E eu estava do lado com minhas lágrimas escorrendo
 Há algo sobre o aperto do pulso
 Ele pensou que o meu era dele para esculpir em sua boca
 Nós só temos horas
 E eu simplesmente não consigo parar de chorar porquê de todas as maneiras
 Quando você vê alguém morrendo
 Você vê todos os seus dias passando na sua frente
 E você pensa em quem estaria com você
 E então há Donoghue
 Hum
 ...
 Pai, sinto falta deles
 Estou nas montanhas
 Provavelmente estou fugindo dos sentimentos que sinto
 Quando penso em todas as coisas sobre eles
 Pai, sinto falta deles

Estou no Roadrunner Café
Provavelmente estou fugindo dos pensamentos no dia
Eu tinha coisas a fazer com eles, mas eles dizem

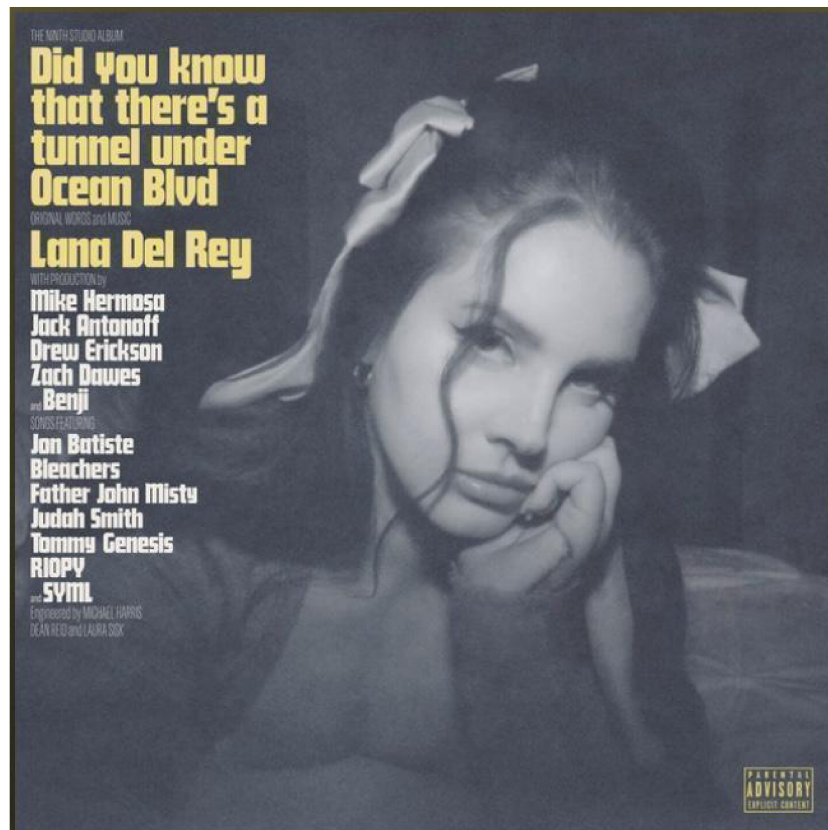
...

É assim que a luz entra
É assim que a luz entra
É assim que a luz entra

...

Penso sobre o terceiro dia de março, eu estava exposta
Finalmente o chão estava frio, eles não abriram
Trazida pela luz do Sol do espírito para derramar a chuva
Há um nome para isso em japonês, se chama kintsugi

Figura 3: Album Lana Del Rey -
Did You Know That There's a Tunnel Under Ocean Blvd (2023)



Fonte:

<https://www.collectorsroom.com.br/2023/03/review-lana-del-rey-did-you-know-that.html>

2.3 Cicatrizes e Fotografia: Artistas marcados

A fotografia é uma poderosa ferramenta de expressão, capaz de eternizar marcas corporais e dar visibilidade a histórias que muitas vezes não podem ser traduzidas em palavras. No campo artístico, imagens de corpos marcados por cicatrizes ganham força como documentos visuais que evidenciam experiências de dor, transformação e resistência.

A artista Kira O'Reilly desenvolve um trabalho multidisciplinar que transita entre performance, dança, escultura, foto-instalação, bioarte e outras linguagens contemporâneas. Sua produção é reconhecida pela complexidade e pela forma como explora o corpo como suporte, matéria e presença poética. Desde o início dos anos 2000, seu nome está associado ao livro *Exposures*, publicação que documenta práticas performativas inovadoras no campo da arte corporal e experimental.

Figura 4: Kira O'Reilly



<https://www.artexchange.life/collaborators-artist-galleries/kira-o%E2%80%99reilly>

Kira O'Reilly, conhecida por seu trabalho com performance corporal extrema, e Manuel Vason, fotógrafo que transita entre artes visuais e documentação performática, desenvolveram juntos uma série de obras que investigam os limites entre presença, imagem e identidade corporal.

Vason não atua apenas como um documentarista da performance de O'Reilly, mas como colaborador criativo, participando do processo de construção da imagem e da ação. Em suas colaborações, a fotografia deixa de ser apenas um registro e se torna parte essencial da performance — um meio híbrido entre o efêmero e o permanente. Muitas dessas imagens foram produzidas no contexto do projeto “Double Exposures”, onde ele colaborou com diversos performers, incluindo O'Reilly.

O resultado dessas parcerias são fotografias intensas, carregadas de intimidade, tensão e presença física. O corpo de Kira é frequentemente o suporte e a linguagem da imagem, enquanto Vason molda a luz, o tempo e o espaço da cena, dando à fotografia o mesmo peso sensorial e conceitual que a ação performativa.

Figura 5: KIRA O'REILLY AND MANUEL VASON



<https://highlike.org/kira-oreilly-and-manuel-vason/>

A fotografia, quando direcionada a corpos que trazem marcas visíveis de procedimentos cirúrgicos, como cicatrizes provenientes de tratamentos contra o câncer, pode se tornar uma poderosa ferramenta de reconstrução simbólica e ressignificação da imagem corporal. Um exemplo emblemático é o *Scar Project*, idealizado pelo fotógrafo

norte-americano David Jay, conhecido por seu trabalho com moda e por retratar mulheres que passaram por mastectomias, com ou sem seios, de forma honesta, sem edições ou retoques digitais.

Segundo reportagem de Chico Otavio (2014), publicada no jornal *O Globo*, Jay iniciou o projeto após acompanhar de perto a batalha de uma amiga contra o câncer de mama. A proposta do fotógrafo é registrar o “limiar entre a vida e a morte”, capturando imagens de mulheres jovens e adultas, com cicatrizes expostas, que aceitaram se colocar diante da câmera em um gesto de coragem e autoafirmação. Essas mulheres não são selecionadas por critérios estéticos, elas se voluntariam, muitas vezes buscando reconstruir sua relação com o próprio corpo por meio da arte.

David Jay enfatiza que seu trabalho não é sobre a doença. É sobre a vida. (OTAVIO, 2014). Ele recusa filtros e correções de imagem, optando por mostrar a nudez parcial como linguagem de verdade e humanidade. O ensaio fotográfico torna-se, assim, um espaço de memória, empoderamento e acolhimento tanto para as modelos, quanto para quem observa as imagens.

As fotografias realizadas no Brasil, em parceria com a Fundação Laço Rosa, mantêm esse mesmo compromisso ético e estético. Elas não apenas documentam os corpos marcados, mas desafiam o olhar do espectador ao confrontá-lo com histórias reais de dor e cura. O projeto expande os limites da fotografia documental e aproxima-se de uma arte que propõe diálogos sensíveis sobre identidade, corporeidade e superação.

Tocado pela doença da amiga, criou o projeto "SCAR" tradução: cicatriz, sinal, mácula. É uma série de fotos de nu, ou seminú, de mulheres que sobreviveram ao câncer de mama, mas com severas cicatrizes, inclusive alguns casos de mastectomia total. São em parte chocantes, em parte lindas, formando um contraste, e a foto de abertura do site, que ilustra esta matéria e outras matérias sobre o projeto, é de uma jovem grávida que sofreu mastectomia.

A missão do projeto é a conscientização, levantamento de fundos para tratamento e pesquisas sobre o câncer de mama e a melhora da autoestima das sobreviventes, que embora tenham sobrevivido, não ficaram sem cicatrizes.

Figura 6: Jovem grávida que sofreu mastectomia.



Foto de David jay - <https://www.resumofotografico.com/2012/02/projeto-scar-de-david-jay.html>

Figura 7: Scar Project, idealizado pelo fotógrafo David Jay



Elisa fez dupla mastectomia e participou do projeto exibindo as cicatrizes

Foto: David Jay/The SCAR Project / David Jay/The SCAR Project

https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/comportamento/fotos-mostram-cicatrizes-de-mulheres-apos-mastectomia,85a5c701497ee310VgnVCM5000009ecceb0aRCRD.html?utm_source=clipboard

A intenção por trás de seus retratos vai além da estética. Ao remover o contexto e apresentar os corpos com autenticidade, Jay convida o observador a se colocar no lugar de quem é fotografado, enxergando, por meio de seus olhos, a profundidade de suas vivências. Suas fotografias estabelecem um diálogo empático, despertando a percepção de sentimentos e cicatrizes que são, muitas vezes, comuns a todos nós. Dessa forma, seus retratos nos fazem refletir sobre a força contida em cada encontro humano e sobre o impacto que deixamos no outro a partir das nossas ações e presenças.

2.4 Textura: Pele, Matéria e Imaginação

A artista Chris Machado, destaca seu trabalho com texturas em cerâmica e a semelhança com a pele. Ela menciona como sua primeira tela de cerâmica produziu uma textura que lembrava a pele orgânica, com camadas sobrepostas e transformadas pelo calor do forno. Cristina Machado passou a investigar cada vez mais a textura, espessura e fragilidade da argila, enxergando-a como um mapa ou cartografia. Durante uma viagem a Carnaúba dos Dantas (RN), ela se deparou com sítios arqueológicos e inscrições rupestres, o que impactou profundamente seu trabalho.

Essa experiência levou a uma mudança radical em suas pesquisas, incentivando-a a explorar novas formas de expressão e referências naturais, como tintas à base de óxidos e argilas. Seu estudo intenso resultou na série "Pele", trazendo uma conexão entre arte, vida e sensibilidade tátil, (Machado, 2005)

Figura 8: A pele é o que separa o corpo do mundo.



<https://christinamachado.art/pele-e-o-que-separa-o-corpo-do-mundo>

Temos também a artista multimídia Fernanda Feher, brasileira estabelecida em Nova York desde 2008, que desenvolve obras que transitam entre pintura, vídeo, escultura, colagem e aquarela, com forte presença de elementos figurativos. Sua produção mistura referências autobiográficas com o universo do imaginário, criando representações visuais que revelam camadas íntimas, afetivas e simbólicas do corpo e da existência.

Em suas composições, a artista subverte o retrato tradicional ao inseri-lo em ambientes oníricos, repletos de criaturas híbridas, animais selvagens, seres fantásticos e paisagens surreais. Essas imagens propõem um deslocamento da lógica racional e mergulham em estados emocionais, muitas vezes inconscientes, fazendo com que o corpo representado se torne suporte de narrativas afetivas e subjetivas.

Feher compreende sua obra como uma extensão de um diário pessoal. Ela transforma suas vivências e pensamentos em imagens simbólicas, carregadas de humor, sensualidade e delicadeza. Ao afirmar que pinta com o mesmo senso de humor com que leva a vida, revela a leveza com que lida com temas profundos, como o feminino, a memória, os afetos e os "monstros" internos.

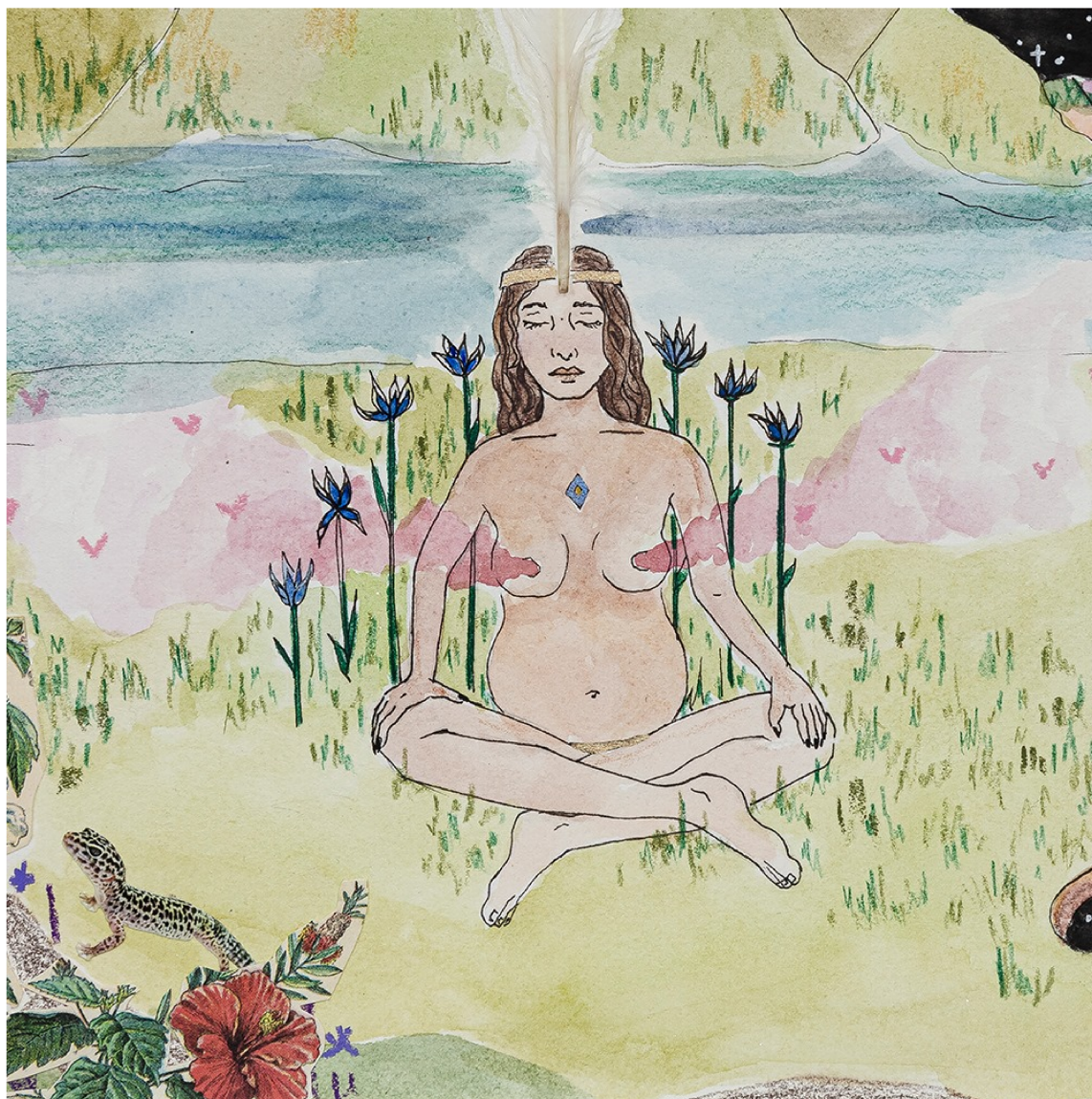
Na exposição *Daydream*, realizada em São Paulo, a artista apresenta obras que tocam em dimensões íntimas do feminino e da imaginação. Segundo o crítico Ruy Cortez, seu trabalho “nos reconcilia com a Natureza e com nossos próprios monstros”. Ao representar o corpo através de figuras que oscilam entre o humano e o não humano como sereias, gorilas, baleias, fadas e zumbis, Feher nos convida a refletir sobre o que é visível e invisível em nós: nossos medos, marcas internas, sonhos e memórias. O corpo, assim como na obra de Feher, não é apenas o suporte físico, mas também um território poético de invenção, reconstrução e expressão, (Cortez & Cortez 2012).

Figura 9: Obra Exposure de Fernanda feher



Profile for Fernanda Feher Artwork <https://www.facebook.com/photo/?fbid=252315180233913&set=pcb.252315593567205>

Figura 10: Aprender novos poderes



Profile for Fernanda Feher Artwork

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=252315180233913&set=pcb.252315593567205>

2.5 Corpo e espaço: Cruzamentos entre fotografia, instalação e performance

A instalação artística é uma forma de expressão contemporânea que se caracteriza pela criação de obras tridimensionais inseridas em espaços específicos, estabelecendo uma relação direta com o ambiente e o público. Diferente de linguagens tradicionais, ela propõe ao espectador uma participação ativa, rompendo com a ideia de contemplação passiva da arte. O espaço não apenas acolhe a obra, mas torna-se parte dela, possibilitando experiências sensoriais e imersivas por meio de materiais como objetos, sons, luzes, vídeos e elementos tecnológicos. Segundo ARTE REF (2020), trata-se de uma categoria artística projetada para manter um relacionamento específico, temporário ou permanente com o ambiente em um nível arquitetônico, conceitual ou social.

A teórica francesa Anne Cauquelin destaca que essa modalidade se distingue por sua transitoriedade e sua relação direta com o espaço e com o corpo do espectador. Para a autora, a instalação rompe com a obra fechada e autônoma, tornando-se um evento espacial e sensorial, onde “o lugar se transforma em obra” (CAUQUELIN, 2005, p. 62). Nesse sentido, a instalação não existe fora do espaço onde está inserida, ela acontece na medida em que o espectador se desloca, percebe e interage. Assim, o conceito de instalação amplia o entendimento tradicional de arte e aproxima a experiência estética de uma vivência física e subjetiva.

A obra *O Banquete* (*The Dinner Party*), da artista norte-americana Judy Chicago (1939), é uma das instalações mais marcantes da arte feminista dos anos 1970. Nessa instalação, a artista montou uma grande mesa de jantar simbólica, homenageando mulheres que tiveram papéis importantes na história. Cada lugar à mesa representa uma dessas figuras femininas, destacando suas contribuições e lutas.

A relação de *O Banquete* com a arte corpo se dá pela maneira como Judy evoca a presença física das mulheres por meio de objetos e símbolos. Mesmo sem exibir diretamente corpos humanos, a artista utiliza pratos, toalhas bordadas e formas escultóricas que remetem à anatomia feminina, especialmente a vulva, como uma metáfora visual do corpo e da identidade das mulheres. Dessa forma, a instalação transforma objetos cotidianos em extensões simbólicas do corpo feminino, reafirmando sua presença histórica e reivindicando o espaço das mulheres na cultura e na arte.

Figura 12: Obra O Banquete (The Dinner Party), da artista norte-americana Judy Chicago (1939)



Na obra *A Casa é o Corpo: Labirinto* (1968), a artista Lygia Clark (1920-1988) convida o público a entrar em uma estrutura de 8 metros de comprimento que simula a experiência da concepção. A proposta da instalação é fazer com que o espectador vá além da simples observação e se torne parte ativa da obra. Ao passar pelo espaço, ele vivencia diferentes sensações, como a penetração, ovulação, germinação e a expulsão de um útero, tudo por meio da interação corporal e dos sentidos. Lygia Clark explorou diversas formas de arte interativa ao longo de sua carreira, criando não apenas instalações, mas também roupas, objetos e ações performáticas que aproximam o público da experiência artística.

Os *Penetráveis*, instalação desenvolvida por Hélio Oiticica a partir dos anos 1960, constituem um ponto de inflexão no percurso da arte contemporânea brasileira, sobretudo no campo da instalação. Neles, o artista radicaliza a participação do espectador, dissolvendo a separação tradicional entre sujeito e objeto artístico e instaurando uma nova ontologia da experiência estética, baseada na imersão sensorial e na ativação corporal. A escolha de materiais ordinários — como areia, pedras, tecidos coloridos, estruturas de

madeira e espelhos — dispostos muitas vezes diretamente sobre o chão da exposição, reforça o caráter anti-hierárquico da proposta, rejeitando as convenções do cubo branco em favor de uma vivência estética ampliada. Oitica, ao criar ambientes penetráveis, não apenas desloca a obra do campo da representação para o da experiência, mas também antecipa debates centrais sobre a espacialidade, a participação e a política do corpo na arte contemporânea.

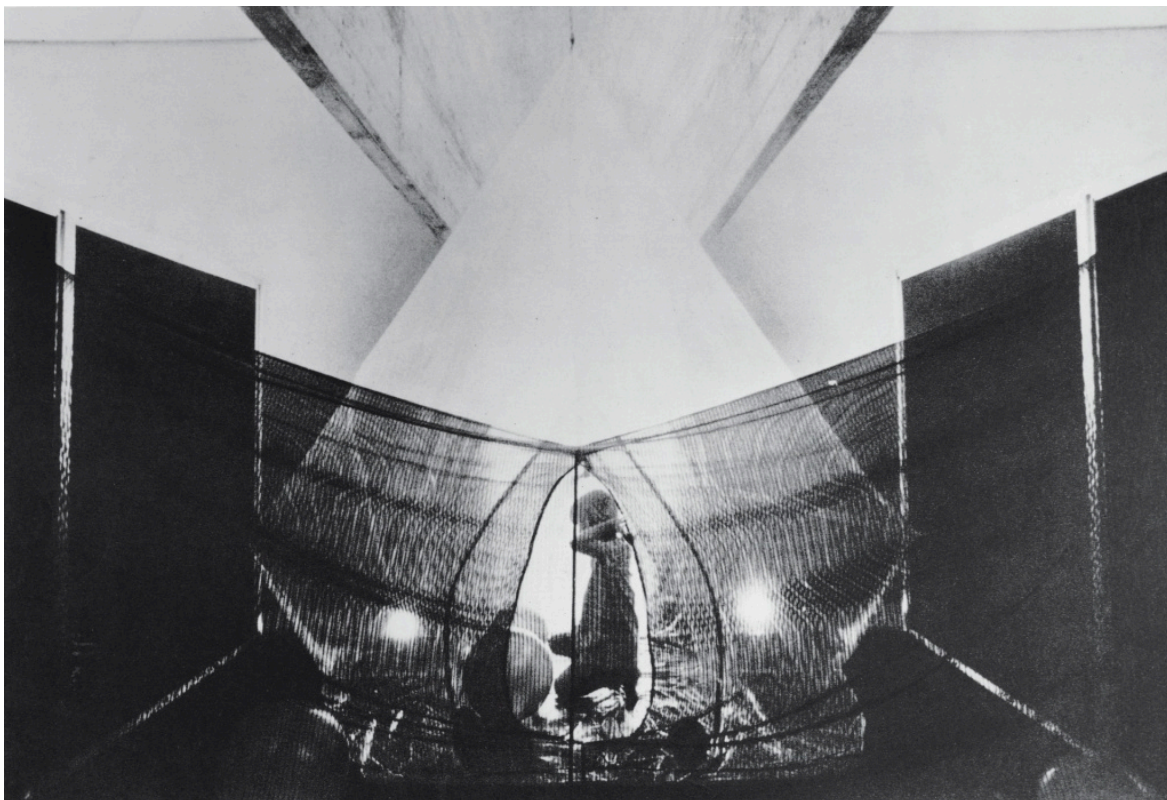
No contexto da instalação *Tropicália* (1967) de Hélio Oitica, o uso da areia no chão transcende a mera escolha estética, inserindo-se como elemento crucial na proposição sensorial e participativa da obra. A superfície arenosa desestabiliza a habitual solenidade dos espaços expositivos, convidando o visitante a uma experiência mais tátil e terrena. Ao caminhar, o espectador deixa rastros, tornando-se agente transformador da obra e diluindo a fronteira entre observador e ambiente. Essa materialidade evoca as paisagens tropicais brasileiras, remetendo às praias e aos caminhos de terra, e contribui para a atmosfera de "antiarte" e descondicionalismo sensorial buscada por Oitica, onde o corpo e a vivência se tornam centrais para a apreensão da obra.

Figura 27: Instalação *Tropicália* de Hélio Oitica, 1967



<https://decorem.com.br/blogs/news/qual-foi-a-obra-mais-famosa-de-helio-oitica>

Figura 13: A Casa é o Corpo: labirinto (1969) - Lygia Clark



Fonte: <https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/1879/a-casa-e-o-corpo-labirinto>

A instalação Desvio para o Vermelho, criada pelo artista brasileiro Cildo Meireles em 1967, é uma obra impactante que hoje pode ser vista no museu Inhotim (MG). A instalação é dividida em três ambientes, sendo que o primeiro deles chama a atenção por ter todos os objetos na cor vermelha. Esse excesso de vermelho cria uma sensação ambígua, ao mesmo tempo fascinante e desconfortável. Com essa obra, Cildo Meireles

provoca reflexões sobre sentimentos como paixão, revolta e violência, fazendo uma referência ao contexto da ditadura militar no Brasil.

Figura 14: A instalação 'Desvio para o Vermelho



<https://viagemeturismo.abril.com.br/brasil/inhotim-reabre-iconica-obra-de-cildo-meireles/>

Além de ser uma linguagem amplamente explorada por diversos artistas, a Instalação estabelece um diálogo direto com a performance, especialmente quando a ação performática é registrada e transformada em objeto de exposição posterior. Neste trabalho, essa relação se concretiza na intersecção entre o ato e sua memória visual, ou seja, entre o acontecimento performático e o futuro da obra que permanece disponível ao público através das imagens instaladas.

Uma grande artista que trabalha entre instalação e foto performance, Nicola Costantino, nascida em 1964, em Rosário, Argentina, é uma artista contemporânea que transita por múltiplas linguagens na arte, como escultura, instalação, fotografia, vídeo e performance. Sua produção é marcada por uma forte relação com o corpo, a identidade e os limites entre o biológico e o simbólico. É justamente essa abordagem corporal que mais me chama atenção e onde estabeleço conexões diretas com meu trabalho artístico.

Entre suas obras mais provocativas, destaca-se "Savón de Corps (2006), uma instalação que utiliza gordura retirada de uma cirurgia estética da própria artista para produzir sabonetes, criando uma espécie de escultura utilitária feita por si mesma. O título, em francês, significa "sabão de corpo", sugerindo desde o início uma conexão íntima e literal com o corpo humano. A obra surpreende e, muitas vezes, causa estranhamento no espectador, ao explorar temas como identidade, feminilidade, vaidade e consumo, por meio de uma linguagem estética que transita entre o grotesco e o sofisticado.

Figura 14: Savón de Corps, Nicola Costantino, 2004



<https://www.galeriablancasoto.com/animal-motion-planetsavon-de-corps-ni>

A obra *Peletería Humana* (1996–2003), da artista argentina Nicola Costantino, é uma das mais provocativas e emblemáticas do cenário artístico contemporâneo latino-americano. Nessa série, Costantino cria vestimentas — como vestidos, casacos, corsets e acessórios — confeccionadas a partir de moldes de partes do corpo humano, utilizando silicone para simular a textura da pele. Os trajes incorporam elementos como

mamilos, umbigos, ânus e cabelos humanos reais, desafiando os limites entre o corpo, a moda e o consumo.

A instalação é composta por elementos como resina, silicone e embalagens de cosméticos, que se articulam em um discurso visual potente sobre a comercialização do corpo e os padrões estéticos impostos pela sociedade contemporânea. Costantino fragmenta e distorce partes do corpo feminino, criando esculturas em poses que capturam expressões variadas, evocando sensações de vulnerabilidade, ruptura e desconforto. Ao fazê-lo, ela desafia normas convencionais de beleza e convida o espectador a refletir sobre o corpo como território de poder, controle e mercantilização.

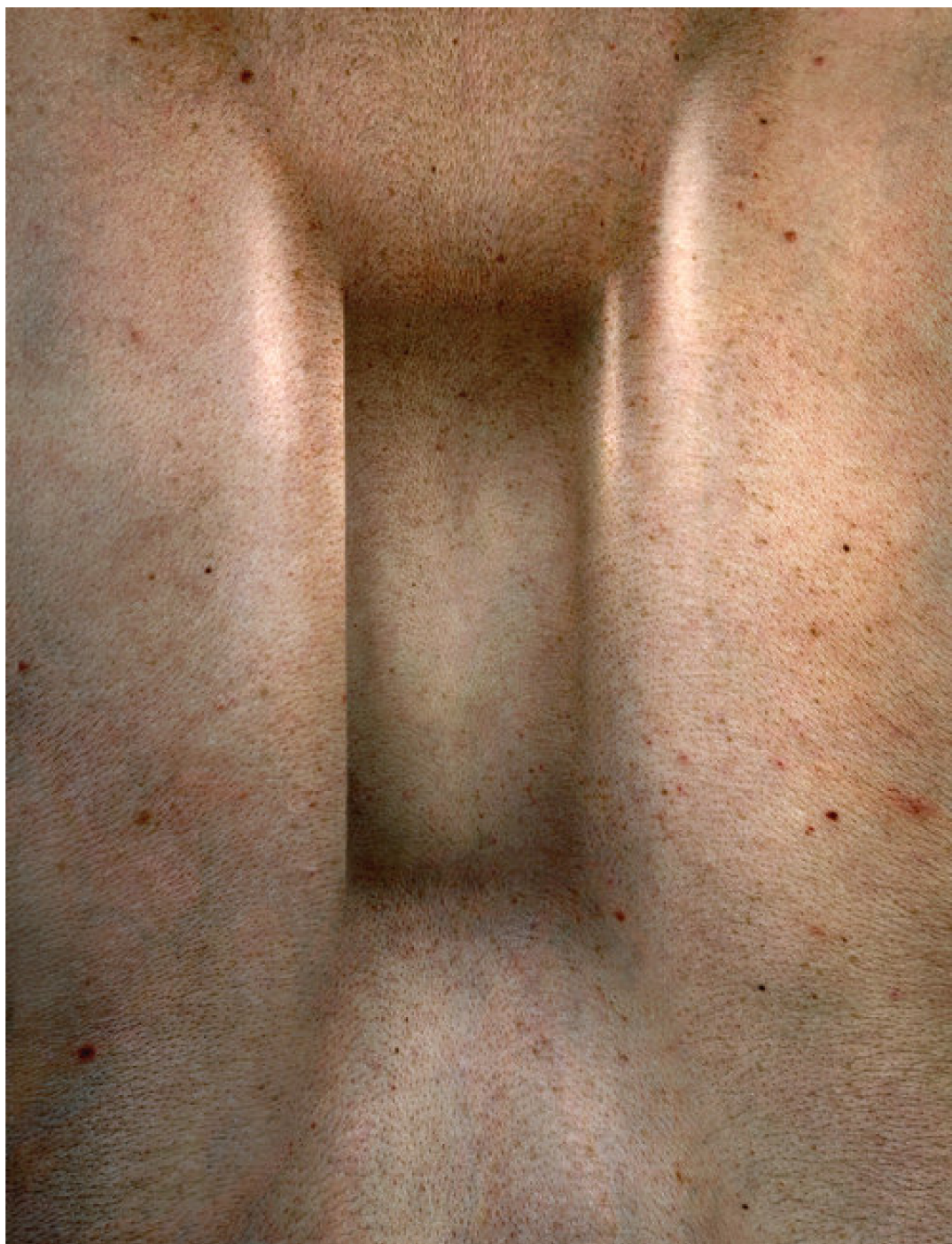
Figura 15: Peletería Humana (Human Furriery), Nicola Costantino, 1996-2003



<https://www.scielo.br/j/ref/a/9DVz4PgK5znN3T6J5Pgr76n/>

Outro artista relevante é a dupla Aziz + Cucher, com a série "Interiors", uma instalação que propõe uma imersão no universo psicológico e sensorial dos espectadores. Através da combinação de projeções, esculturas e elementos interativos, os artistas investigam temas como identidade, memória e consciência. O título da obra sugere uma reflexão sobre os espaços interiores da mente humana, promovendo uma experiência que ultrapassa a contemplação visual e se torna participativa. Uma característica marcante de "Interiors" é o uso inovador da tecnologia. Aziz + Cucher incorporam técnicas digitais avançadas para a época (anos 90), como modelagem 3D e animação por computador, criando ambientes virtuais que se fundem com o mundo físico. Essa fusão permite novas formas de interação e percepção, desafiando as convenções tradicionais de espaço expositivo. Dessa forma, a instalação "Interiors" não apenas expande os limites da fotografia e da arte digital, mas também transforma o espaço expositivo em um ambiente dinâmico e experimental. Através dessa abordagem multidisciplinar e tecnologicamente avançada, Aziz + Cucher reafirma o potencial da foto-instalação como uma forma artística inovadora e interativa.

Figura 17: Interiors, 1999-2001



<https://www.azizcucher.net/interiors-1999-2001>

A foto performance pode ser definida como uma imagem que, produzida a partir da ação, pode prolongar a duração da performance como fotografia, resultando em uma obra que captura não apenas um momento estático, mas também a expressão e o movimento do artista. Nessa linguagem, o artista utiliza o corpo como meio de expressão, criando uma narrativa visual por meio de gestos, poses, expressões faciais e interações com o ambiente.

Um exemplo icônico de foto performance na arte contemporânea é o trabalho da artista sérvia Marina Abramović. Em suas performances, Abramović muitas vezes incorpora a fotografia como parte integrante da experiência. Por exemplo, em sua obra "*The Artist is Present*", realizada no Museu de Arte Moderna de Nova York em 2010, Abramović passou várias horas diariamente sentada em uma cadeira, em silêncio, enquanto os visitantes do museu podiam sentar em frente a ela e fazer contato visual. Fotografias dessa performance capturaram não apenas os momentos estáticos da artista e dos espectadores, mas também a intensa carga emocional e a conexão humana que transpareciam durante o encontro. Nesse caso, as fotografias são apenas registros da obra, não como forma final, já que toda a potência do trabalho está na ação realizada ao vivo.

Em *Holding the Lamb* (2010), Marina Abramović explora temas centrais de sua trajetória artística, como a transcendência do corpo e o diálogo entre ritual e arte contemporânea. A fotografia-performática registra a artista em um gesto que evoca práticas ancestrais de oferenda e sacrifício, tensionando as noções de pureza, vulnerabilidade e transcendência. O ato de erguer o cordeiro, figura historicamente associada ao sacrifício e à inocência, carrega uma potência simbólica que, segundo a lógica da “presença real” discutida por Peggy Phelan (1993), não pode ser plenamente capturada pela documentação fotográfica, mas se afirma na carga performativa do gesto e no impacto emocional que a imagem provoca. Nesse sentido, Abramović ativa o que Victor Turner denomina “espaço liminar” — uma zona de suspensão entre o real e o simbólico, onde a performance se torna rito de passagem. A escolha pela vastidão da paisagem natural como cenário reforça essa dimensão ritualística, estabelecendo uma conexão direta com forças arquetípicas da natureza e deslocando a performance do espaço urbano para um território de introspecção espiritual. Assim, *Holding the Lamb* reafirma a proposta de Abramović de expandir a performance para além do corpo individual, incorporando dimensões coletivas, míticas e atemporais da experiência humana. Neste

trabalho, diferente do citado anteriormente, a fotografia compões a forma final na qual a performance se realiza, constituindo, aqui sim, uma fotoperformance.

Figura 18: Marina Abramović Holding the Lamb, 2010



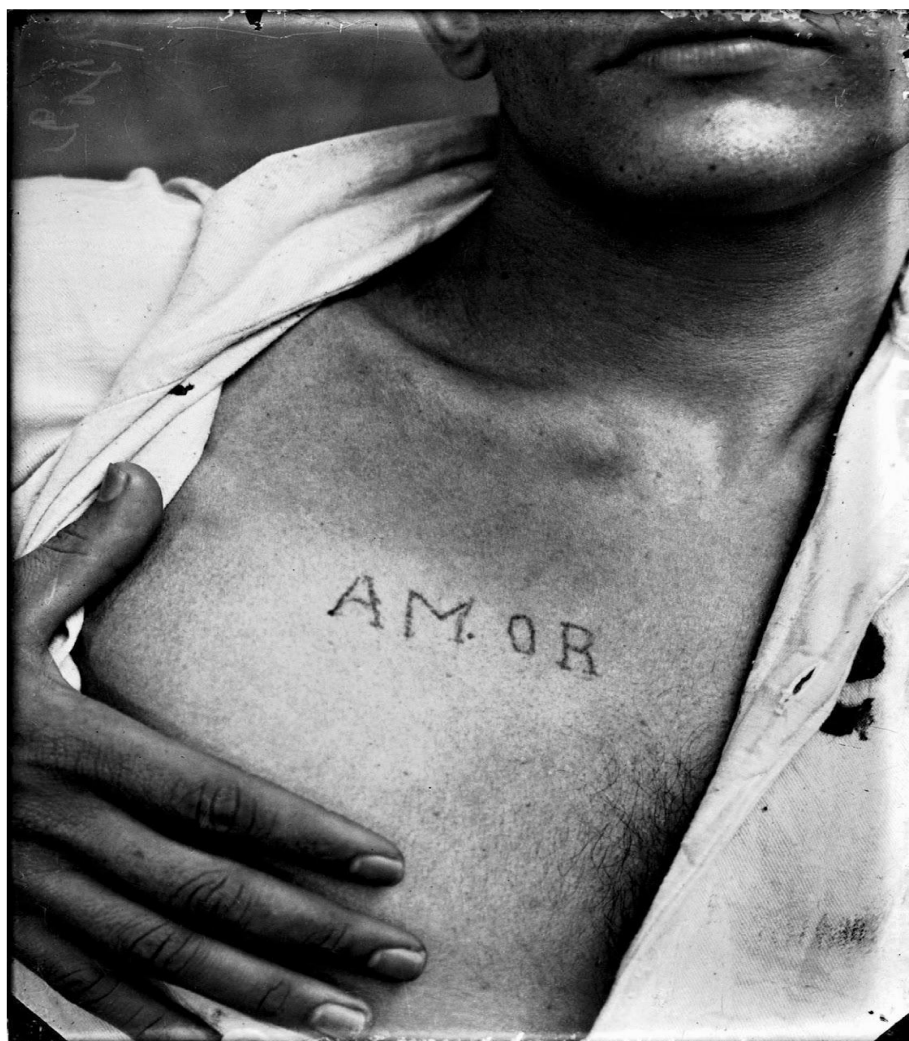
<https://lucianabritogaleria.viewingrooms.com/en/artists/36-marina-abramovic/works/10253-marina-abramovic-holding-the-lamb-2010/>

Segundo Regina Melim (2008), a performance nas artes visuais tem se desenvolvido em diálogo com outras linguagens, abrindo caminhos para novas formas de participação e recepção. A autora destaca a importância do “espaço de performance”, entendido como aquele que insere o espectador na obra-proposição, criando uma estrutura relacional e comunicativa. Nesse sentido, o espectador deixa de ser um observador passivo para se tornar parte da ação, ampliando a própria noção de performance como um procedimento expandido, que se estende também à vivência do participante.

A foto-instalação “Museu das Cicatrizes”, ao trabalhar as imagens em série, cria ainda um diálogo entre corpos diferentes, sugerindo que, embora cada cicatriz seja singular, a experiência de marcar-se é universal. O corpo individual se conecta ao coletivo; à memória pessoal, à memória social. O Museu das Cicatrizes não apenas expõe o meu

corpo, mas principalmente expõe minhas histórias. Cada cicatriz se torna um gesto artístico de resistência e transformação: um lembrete de que sobreviver, rir e seguir em frente também são formas potentes de fazer arte. Este trabalho dialoga diretamente com a obra *Cicatriz*, da artista brasileira Rosângela Rennó, que trata da memória inscrita no corpo como uma narrativa silenciosa, mas permanente. Em seu projeto, Rennó afirma: “*a cicatriz é a evidência de que algo aconteceu, mas também de que houve uma tentativa de cura.*” Essa compreensão da cicatriz como testemunho duplo da violência e da regeneração é essencial para pensar o Museu das Cicatrizes.

Figura 24: Cicatriz da série cicatrizes de Rosângela Rennó



A série fotográfica *Annunciation* (2009), da artista finlandesa Elina Brotherus, reinterpreta o tema religioso da Anunciação, momento em que o anjo Gabriel anuncia a Maria que ela dará à luz o menino Jesus. Nessa releitura contemporânea, Brotherus apresenta seu próprio processo de fertilização artificial, que, infelizmente, não teve sucesso. Através de auto retratos delicados e intimistas, a artista aborda temas como feminilidade, maternidade e identidade, conferindo à obra um caráter profundamente pessoal e contemplativo. As imagens criam um espaço de silêncio e introspecção, convidando o espectador a refletir sobre as camadas emocionais da experiência humana. A série conecta-se ao conceito de “Museu das Cicatrizes” ao apresentar, de forma poética e visual, um processo de cicatrização emocional, onde as marcas da tentativa frustrada de gerar vida tornam-se visíveis não apenas na narrativa, mas no próprio corpo da artista (Brotherus, 2009).

A delicadeza estética de sua obra, aliada à honestidade emocional com que expõe suas experiências, convida o espectador a um olhar sensível sobre questões universais, como o desejo de maternidade, a frustração diante da infertilidade e os processos de aceitação e superação.

Sua série funciona não apenas como um diário visual, mas também como um testemunho silencioso da dor e da resistência frente às perdas invisíveis que marcam o corpo e a alma. Essa abordagem dialoga diretamente com o conceito de cicatriz não apenas como uma marca física, mas como símbolo de experiências vividas, transformações internas e memória afetiva. Dessa forma, *Anunciação* também se conecta com a proposta do “*Museu das Cicatrizes*”, pois ambas as obras utilizam a arte como meio de registrar, elaborar e expor as marcas da existência.

Figura 19: Annonciation (2009) - Elina Brotherus



<https://www.elinabrotherus.com/annonciation/yhhoolqnlzqu9z6czpspm7fyn7qsm1>

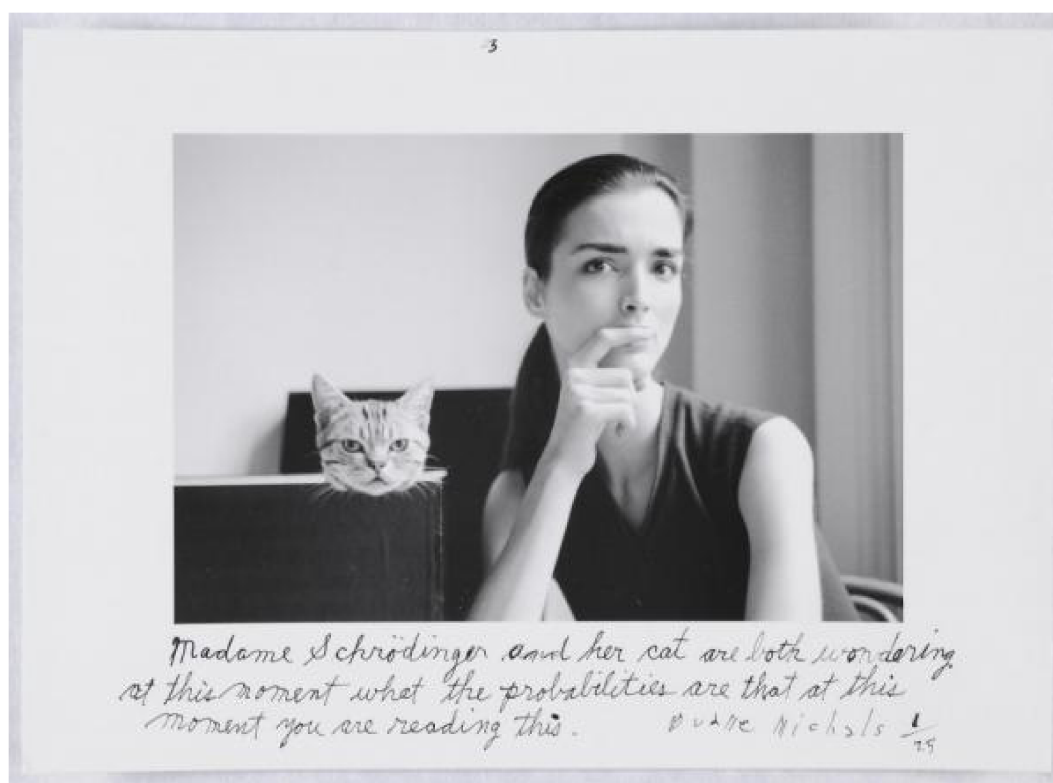
Duane Michals (n. 1932) é um dos nomes mais inovadores da fotografia contemporânea, destacando-se por transgredir os limites tradicionais do meio. Seu trabalho desafia a noção modernista de que a fotografia deva ser puramente documental ou objetiva, propondo, em vez disso, uma abordagem narrativa e subjetiva. Um dos elementos centrais dessa subversão é o uso da escrita manuscrita diretamente nas fotografias, como se vê na série em que a figura feminina “Madame Schrödinger” e seu gato refletem sobre as probabilidades de alguém estar lendo aquele texto.

O conceito de diário visual é crucial para entender a obra de Michals. A escrita pessoal, quase confessional, reforça a ideia de que a fotografia pode ser usada não apenas para capturar o exterior, mas também para revelar estados internos, emoções, fantasias e dúvidas existenciais. A imagem de “Madame Schrödinger”, por exemplo, remete ao

famoso experimento mental de Erwin Schrödinger, mas, ao inserir uma mulher e um gato em uma cena íntima e inquisitiva, Michals transporta a reflexão científica para o campo das incertezas humanas: o ato de observar e ser observado, a simultaneidade de múltiplos estados emocionais, e a consciência do tempo.

Em suma, Duane Michals propôs uma reconfiguração profunda da linguagem fotográfica, ao integrar texto e imagem em uma relação de complementaridade e tensão. Seu trabalho inaugura uma prática artística que reconhece a fotografia não como um espelho passivo da realidade, mas como um campo fértil para a exploração das complexidades humanas. Nesse contexto, o diário visual surge como forma legítima de expressão, onde a fotografia não apenas registra o que se vê, mas também o que se sente e se pensa.

Figura 26: Duane Michals; Madame Schrödinger's Cat, 1998



<https://www.shutterbug.com/content/new-photo-show-storyteller-photographs-duane-michals>

3. MUSEU DAS CICATRIZES

3.1 Da Linha ao Corpo: Minha Trajetória no Curso de Artes Visuais

Desde a infância, descobri habilidades naturais com o desenho, a pintura e o artesanato, expressões que sempre fizeram parte do meu cotidiano. Esse interesse espontâneo se intensificou com o passar dos anos e, já na adolescência, tive a oportunidade de participar do evento anual “Vem pra UFU”, promovido pela Universidade Federal de Uberlândia. Após minha segunda visita ao evento, percebi que queria seguir o caminho artístico também no ambiente acadêmico.

Iniciei a graduação em Artes Visuais no início de 2018, logo após concluir o ensino médio. Meu foco inicial era aprofundar os conhecimentos em desenho, uma área com a qual eu já tinha afinidade, domínio técnico e onde me sentia mais confortável. Ao longo da graduação, desenvolvi diversos trabalhos em pintura, desenho e tridimensionalidade, participando inclusive de exposições coletivas, como o festival “Entre Artes”, onde pude apresentar produções desenvolvidas tanto nos ateliês quanto em processos individuais. Até então, minha prática artística não envolvia diretamente o meu corpo como linguagem. No entanto, durante a pandemia, um período marcado pelo isolamento e pela introspecção, passei a me olhar com mais profundidade. Questões ligadas ao corpo, identidade e experiência pessoal emergiram com intensidade. Foi nesse contexto que nasceu meu interesse por um fazer artístico mais voltado ao autoconhecimento e à materialidade do corpo como suporte e linguagem.

A experiência com o Ateliê de Experimentações do Corpo, orientado pela professora Patrícia Osses, foi um divisor de águas na minha trajetória artística. No início, confesso que senti receio: trabalhar com o próprio corpo como suporte artístico era algo novo e desafiador. Porém, esse medo inicial logo deu lugar à curiosidade e à abertura para experimentar. Era meu primeiro grande passo em direção a uma arte que partisse do meu corpo, da minha história e das minhas marcas.

O ateliê proporcionou uma rica troca com colegas e professores. Por meio do estudo de artistas que também exploram o corpo em suas obras, fui expandindo minha percepção sobre o que é arte, sobre como o corpo pode ser território de expressão, de dor, de beleza e de cura. As conversas em grupo, as partilhas e as leituras foram fundamentais para sustentar esse processo.

Nosso objetivo final foi construir uma exposição coletiva, intitulada *Museu de si mesmo*, que instigasse reflexões sobre a experiência corporal individual e sobre memórias e vivências inscritas no corpo de cada um. Iniciei meu processo criativo com uma série fotográfica em preto e branco, centrada nas cicatrizes do meu corpo. Essas marcas físicas e simbólicas se tornaram ponto de partida para compor imagens que falam de memória, dor e transformação.

A mostra coletiva da disciplina foi um momento marcante. Compartilhar com o público esse trabalho tão íntimo e perceber suas reações e reflexões foi extremamente enriquecedor por meio da arte, conseguir estabelecer um diálogo sensível sobre as histórias que nossos corpos carregam e como elas podem, ao serem expostas, transformar também quem as observa.



Figura 23: Mostra coletiva Museu de si, 2022

Acervo pessoal

3.2. A exposição.

A exposição *Museu das Cicatrizes* propõe uma reflexão profunda sobre a relação entre corpo, memória e arte. Configurada como uma foto-instalação, este trabalho é composto por uma série de imagens de cicatrizes e marcas corporais, acompanhadas de textos que ora revelam, ora mistificam suas histórias. Essa escolha estética de flutuar entre o explícito e o subjetivo transforma cada marca corporal em um ponto de partida para narrativas múltiplas e interpretativas.

Do ponto de vista acadêmico, a exposição dialoga diretamente com os campos da arte contemporânea, da arqueologia do corpo e da psicologia da memória. O corpo, enquanto primeiro território de inscrição da vida, é apresentado não como um espaço de perfeição, mas como um arquivo vivo de experiências, dores e superações. A cicatriz,

tradicionalmente carregada de estigmas ou silêncios, é aqui ressignificada: deixa de ser um vestígio de trauma para tornar-se matéria de memória, de história e também de humor.

A escolha pela instalação fotográfica permite que o público percorra fisicamente esse museu íntimo, aproximando-se da textura da pele, da singularidade de cada cicatriz e da poética dos textos. A iluminação quente e os enquadramentos cerrados favorecem uma atmosfera de intimidade e acolhimento, criando uma ruptura com a distância tradicional entre obra e espectador. Essa aproximação é fundamental para a proposta criacional: provocar empatia, estimular a identificação e abrir espaço para a ressignificação das próprias cicatrizes de quem as observa.

Artisticamente, o *Museu das Cicatrizes* também desafia a linearidade da memória. As marcas físicas não são tratadas apenas como vestígios de eventos passados, mas como elementos vivos que ainda moldam subjetividades. Ao associar memórias ruins a narrativas mais leves, a exposição subverte o peso do trauma, transformando o corpo em um campo de possibilidades narrativas: aquilo que um dia doeu hoje pode ser motivo de riso, reflexão ou simples aceitação. Este foi um dos principais objetivos desta sequência, não deixar as fotografias com o aspecto triste e com pesar de lembranças que não foram boas ou causar angústia.

A sequência se ancora ainda em uma crítica sutil aos padrões de beleza normativos. Ao valorizar o corpo real com suas marcas, imperfeições e histórias, rompe-se com a idealização estética dominante, reforçando que a arte também é feita de imperfeições, e que a beleza reside, muitas vezes, na autenticidade das marcas que carregamos. Assim, o *Museu das Cicatrizes* não apenas expõe o meu corpo, mas principalmente expõe minhas histórias. Cada cicatriz se torna um gesto artístico de resistência e transformação do meu infinito particular: um lembrete de que sobreviver, rir e seguir em frente também são formas potentes de fazer arte.

No contexto da exposição, o corpo emerge não apenas como tema, mas como suporte artístico em si. Esta abordagem insere a obra em uma tradição contemporânea onde o corpo mais do que uma superfície a ser representada é o próprio meio através do qual a arte se manifesta.

Historicamente, o entendimento do corpo como suporte tem sido explorado por movimentos como a body art, a performance e a arte relacional. Nestes contextos, o corpo ultrapassa a função de objeto estético passivo para se tornar ativo, carregando, expressando e reescrevendo significados sociais, políticos e afetivos. Aqui no *Museu das Cicatrizes*, essa ativação ocorre por meio da exposição das marcas corporais: cicatrizes que são testemunhos materiais de experiências e que, através da instalação, ganham nova camada de significação. Cada cicatriz fotografada é mais que um vestígio físico: é uma inscrição no corpo-memória. Como propõe Paul Ricoeur em suas teorias sobre a memória, o passado não é algo estático, mas algo constantemente atualizado no presente. Assim, as cicatrizes funcionam como dispositivos mnemônicos sinais que, ao serem ressignificados pelo gesto artístico, transformam experiências privadas em narrativas coletivas.

O corpo, então, é simultaneamente suporte e obra. Sua materialidade, pele, textura, cor torna-se linguagem plástica; suas histórias, ainda que invisíveis à primeira vista, tornam-se legíveis pela mediação da arte. A escolha de incorporar textos que nem sempre explicam diretamente as imagens reforça essa polissemia: a cicatriz não é apenas aquilo que ela parece ser, mas também aquilo que o espectador projeta, reconhece ou imagina. Ao trazer o corpo real e suas marcas para o espaço museológico, a instalação também desafia noções tradicionais de exposição. Não se trata de estetizar a dor, mas de afirmar a potência estética da vida vivida, com suas quedas, suas curvas e suas imperfeições. Nesse sentido, o corpo deixa de ser um objeto a ser contemplado passivamente e se torna um campo de experiências compartilhadas onde o toque da vida cotidiana encontra o gesto simbólico da arte.

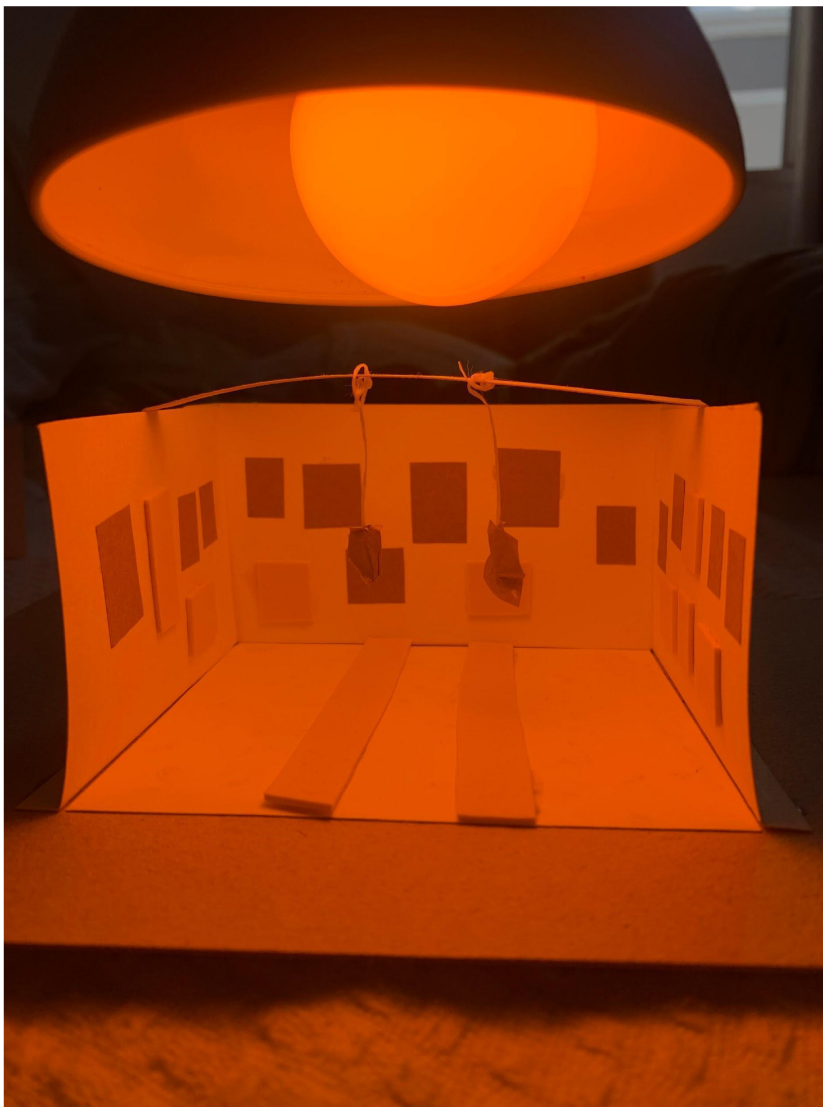
3.3. Processo criativo: do projeto à instalação.

O processo criativo nas artes é a jornada pela qual o artista define a maneira de expressar aquilo que deseja transmitir ao mundo seja uma emoção, uma experiência estética marcante ou uma provocação que desperte reflexões sobre a realidade. Esse percurso envolve momentos de inspiração, investigação, testes, execução e análise. Trata-se de um fluxo contínuo que visa transformar ideias em linguagem artística, promovendo comunicação através de sentimentos, imagens ou questionamentos.

Aqui em “*Museu das Cicatrizes*”, o meu processo criativo partiu da exploração íntima do corpo como território de memória e registro. Cada marca, cada cicatriz, era uma pista sensível de minhas histórias vividas, dores superadas e experiências que moldaram quem sou. Percorri o meu corpo como quem atravessa um mapa afetivo, procurando não apenas os traços visíveis, mas também os vestígios que carregam as marcas do tempo, da resistência e da vulnerabilidade. A identificação dessas cicatrizes não se limitou ao olhar clínico, mas mergulhou na interpretação das narrativas ocultas em cada relevo da pele.

Transformei essa coleta visual em imagens que documentam e ressignificam essas marcas, buscando revelar a potência simbólica dos meus vestígios corporais. Ao trazer essas cicatrizes para a superfície da arte, proponho uma reflexão sobre a beleza da imperfeição, a dignidade da dor e a força que existe em reconhecer nossas próprias histórias inscritas na pele.

Figura 25: Estudos iniciais da exposição



Arquivo pessoal: Marcos Reis

3.4. O Uso das Escritas: o que revelam

As palavras nas imagens são uma forma de expressar o sentimento relacionado à imagem ou instigar o olhar do espectador sobre o que ela representa naquela fotografia, pensar sobre o uso das escritas. A escrita pode revelar intenções, emoções ou contextos que não estão visíveis na imagem, enriquecendo a interpretação do espectador. Ela atua como uma chave de leitura, permitindo que a fotografia vá além do visual e alcance camadas mais subjetivas e simbólicas. Ao ler um texto associado à fotografia, o público é convidado a pensar, questionar e se conectar emocionalmente com a obra. A escrita pode provocar novas leituras, gerar empatia e transformar a simples observação em uma experiência reflexiva e crítica. A fotografia e a escrita são linguagens distintas, mas que se complementam. Quando usadas juntas, criam uma narrativa mais rica e complexa, onde imagem e palavra se alimentam mutuamente, construindo um discurso visual-verbal mais profundo e expressivo.

O diálogo entre imagem e palavra explora a potência dessa interação para narrar histórias de dor, superação e memória. Cada fotografia, ao ser acompanhada por fragmentos textuais, amplia sua capacidade comunicativa, sugerindo múltiplas camadas de leitura e interpretação. O espectador, diante dessas obras, é constantemente deslocado entre o ver e o ler, entre o sentir e o compreender, sendo convidado a construir suas próprias associações afetivas e críticas.

3.5. A instalação

Ambos os elementos, a instalação e a foto performance, desempenham um papel crucial ao estimular as expectativas dos espectadores dentro deste contexto artístico. A ambientação cuidadosamente concebida do espaço, com areia disposta sobre o chão, evoca as marcas deixadas ao longo de nossas vidas, transformando o ambiente em um testemunho visual de nossa jornada pessoal.

A escolha da luz quente, que ecoa o calor do corpo humano, e das cores que espelham os tons da pele, adicionam uma camada de profundidade emocional à experiência, convidando o público a explorar não apenas visualmente, mas também sensorialmente, as complexidades do ser humano. Além disso, a escolha criteriosa das imagens, cuidadosamente selecionadas e dispostas no ambiente, cria uma narrativa visual coesa, como se cada recorte fotográfico contribuísse para a formação de um corpo completo, uma representação simbólica. Pensar nesta instalação foi, para mim, um desafio enquanto artista. Percebi a necessidade de criar um ambiente que proporcionasse imersão ao espectador, pois, ao tratarmos do corpo, é essencial considerar as sensações e emoções que ele carrega, assim como os aspectos materiais e sensoriais que o envolvem. A proposta da foto-instalação surge justamente para fomentar essa experiência sensível e ampliar as possibilidades de diálogo com o público.

A ambientação do espaço e a iluminação com luz quente sugere o calor do corpo humano, enquanto as cores utilizadas evocam os tons da pele, contribuindo para uma atmosfera sensorial e acolhedora. Por fim, a seleção das imagens dentro do espaço expositivo constrói um corpo simbólico, formado a partir de recortes fotográficos que se entrelaçam e compõem uma narrativa visual fragmentada como se cada imagem fosse parte de uma identidade em constante reconstrução.

A areia foi utilizada como elemento simbólico e sensorial para transformar o espaço em um território de imersão e memória. Ao caminhar descalço sobre o solo arenoso, o público é convidado a abandonar a posição de mero observador e se tornar parte da obra, sentindo sob os pés a textura que evoca tanto o desconforto quanto a conexão ancestral com a terra. O chão de areia transforma o espaço em um campo vivo, onde cada

pegada e cada movimento deixam novas marcas, criando um paralelo poético entre o ambiente e a experiência individual de quem transita por ele.

Figura 28: Instalação Museu das cicatrizes



Acervo pessoal

3.6. As Imagens

- A imensidão como cenário e a luz como protagonista, esse é o objeto estético da exposição, as imagens apresentadas possuem uma estética marcante, marcada pela predominância de tons quentes e pela utilização estratégica da luz. Essa escolha intencional cria um contraste que direciona o olhar do espectador para os detalhes e texturas dos corpos, transformando-os em verdadeiros protagonistas.
- Ter a luz como ferramenta esculpadora: Além de iluminar, a luz modela e esculpe o corpo, evidenciando formas e contornos. Ela se torna uma ferramenta poderosa nas mãos dessas fotografias, capaz de criar atmosferas e narrativas complexas. A forma como a luz incide sobre a pele, cria uma sensação de profundidade e tridimensionalidade, convidando o espectador a explorar cada centímetro da imagem.
- Corpo como paisagem: O corpo é retratado como paisagens complexas, repletas de marcas, cicatrizes e detalhes que contam histórias. A pele, com suas imperfeições e particularidades, torna-se um mapa a ser decifrado, revelando a passagem do tempo e as experiências vividas.
- A Importância dos cortes e enquadramentos: Os cortes e enquadramentos que utilizo nas fotografias são outro elemento fundamental para a construção do sentido. Ao isolar partes do corpo ou objetos, gera um foco que direciona o olhar do espectador para aquilo que considera mais relevante. A aproximação da lente e o ênfase no detalhe também contribui para a criação de uma atmosfera de intimidade e revela minha intenção de explorar a fragmentação da identidade.
- Poses e expressões: A Linguagem do Corpo, minhas poses e expressões são carregadas de significado e contribuem para a construção da narrativa visual. Os olhares, os gestos e as posições revelam minhas emoções, desejos e medos. As

presenças de olhar intenso criam uma atmosfera de introspecção e convidam o espectador a refletir sobre o eu e a condição humana do outro.

- A Fotografia como Diário Pessoal: Faço com que as imagens pareçam ser fragmentos de um diário visual, onde o meu corpo se torna um suporte para a expressão de sentimentos e experiências. As marcas na minha pele, a tatuagem e os textos presentes nas fotos são como sinais que indicam a passagem do tempo e as transformações pelas quais meu corpo passa e continua.

- Marcas indelévels da vida, transcendem a simples aparência física. Nelas, residem histórias, experiências e um leque de emoções. Ao observar essa coletânea de imagens, sou transportado para um universo onde cada cicatriz conta uma narrativa única.

- A pele, como uma tela, exhibe essas marcas com nuances de cores e texturas que revelam a complexidade da experiência humana. O vermelho vibrante, presente em algumas imagens, evoca a ferida recente, a dor e a inflamação. Já o tom acinzentado ou esbranquiçado sugere cicatrizes mais antigas, quase como lembranças apagadas pelo tempo. A iluminação da imagem, por sua vez, desempenha um papel fundamental ao acentuar as texturas e as dimensões dessas marcas, conferindo-lhes um caráter quase artístico.

- Cada fotografia me convida a refletir sobre a resiliência do corpo e da mente. As cicatrizes são testemunhas silenciosas de superações, aprendizados e transformações. Elas nos lembram que a vida é um constante processo de cicatrização e renovação. Ao contemplar essas imagens, percebo que as cicatrizes não são apenas imperfeições, mas também símbolos de identidade e pertencimento. Elas nos conectam com a nossa própria história e com a história da humanidade.

- A cicatriz da catapora, por exemplo, me transporta para a infância, quando dias inteiros eram passados em casa, coberto de bolhas. Aquele menino que um dia chorou de dor, hoje carrega essa marca como um lembrete da força que encontrei para superar aquele momento difícil.

3.7 Galeria de fotos: Obras e exposição.

Todas as imagens são de autoria própria – Marcos Menezes (2025).

Figura 30: Poster Exposição - Museu das Cicatrizes

Exposição:

Museu das Cicatrizes

Marcos Reis

Abertura: 02 de Abril às 20:00hrs

Universidade Federal de Uberlândia
Av. João Naves de Ávila, 2121
Bloco II salas: 218-220 (Laboratório-Galeria)

Realização:



Instituto de Artes

Figura 32: Museu das Cicatrizes





Figura 31: Artista e a exposição. Marcos Reis 2025

Figura 33: Kerenn 1



Figura 34: Kerenn 2



Figura 35: Aquela Piranha



Figura 36: Tão Gostoso que rachou



Figura 37: Aquela Piranha Feat (calos)



Figura 38: Linhas

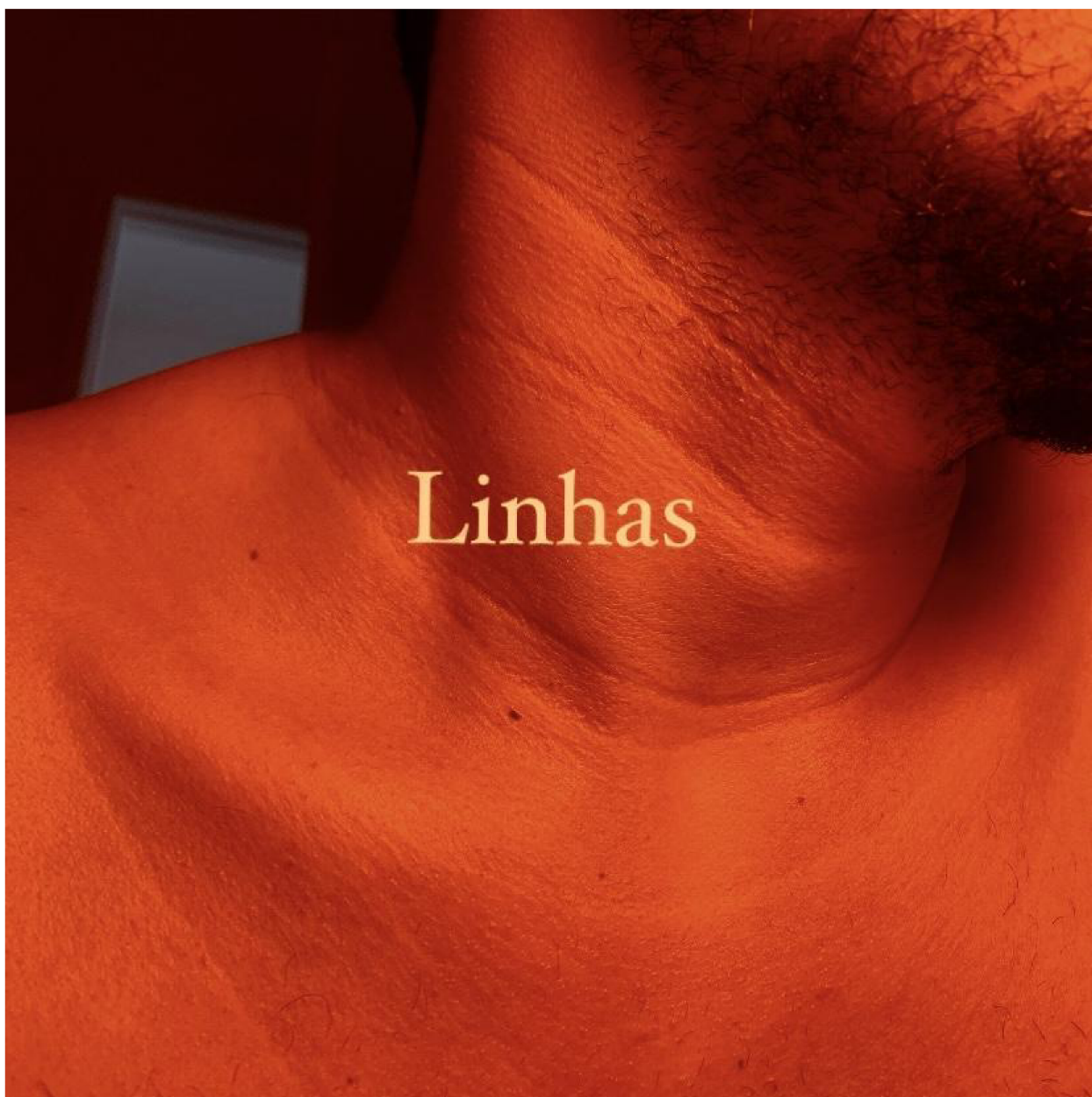


Figura 39: Vacina

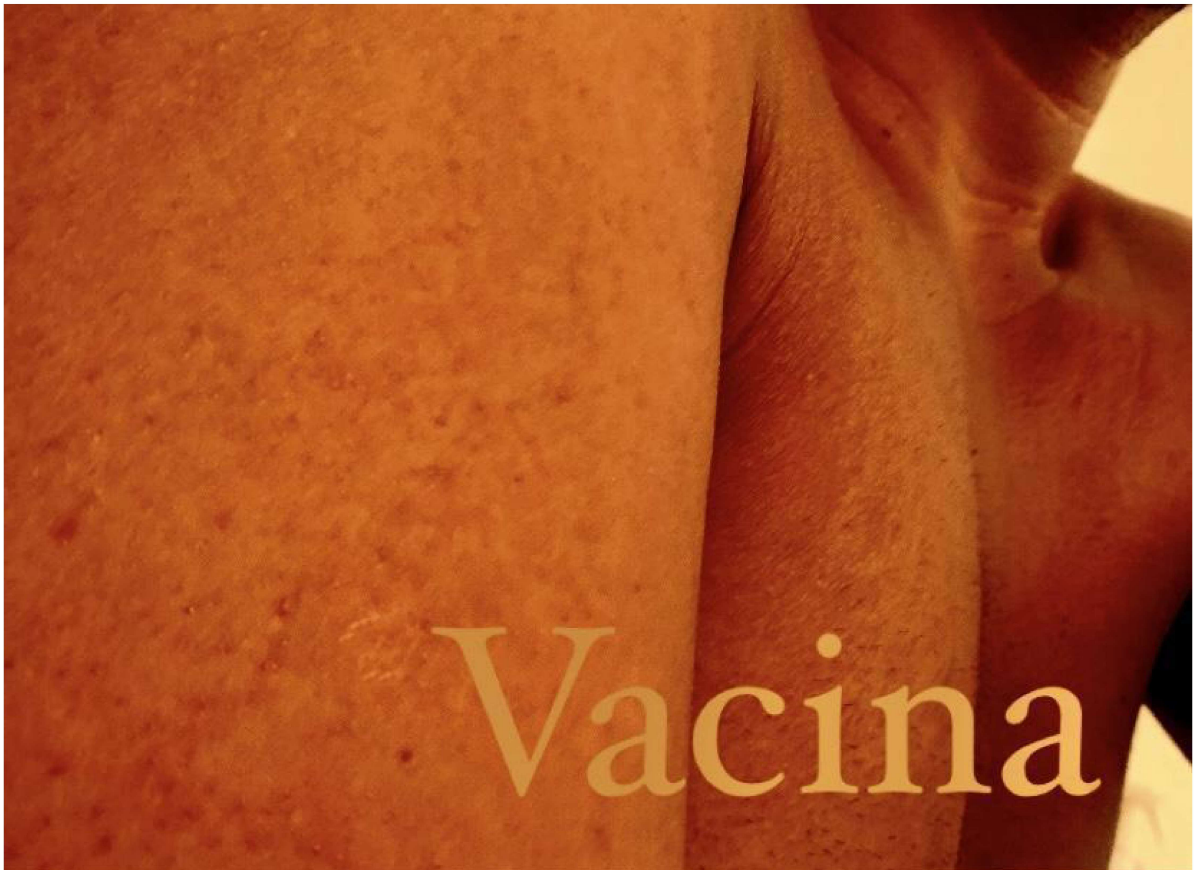


Figura 40: Cerveja



Figura 41: Facada mal dada



Facada mal dada?

Figura 42: Psoriasis



Psoriasis

Figura 43: Sorrisos



Figura 44: Acne

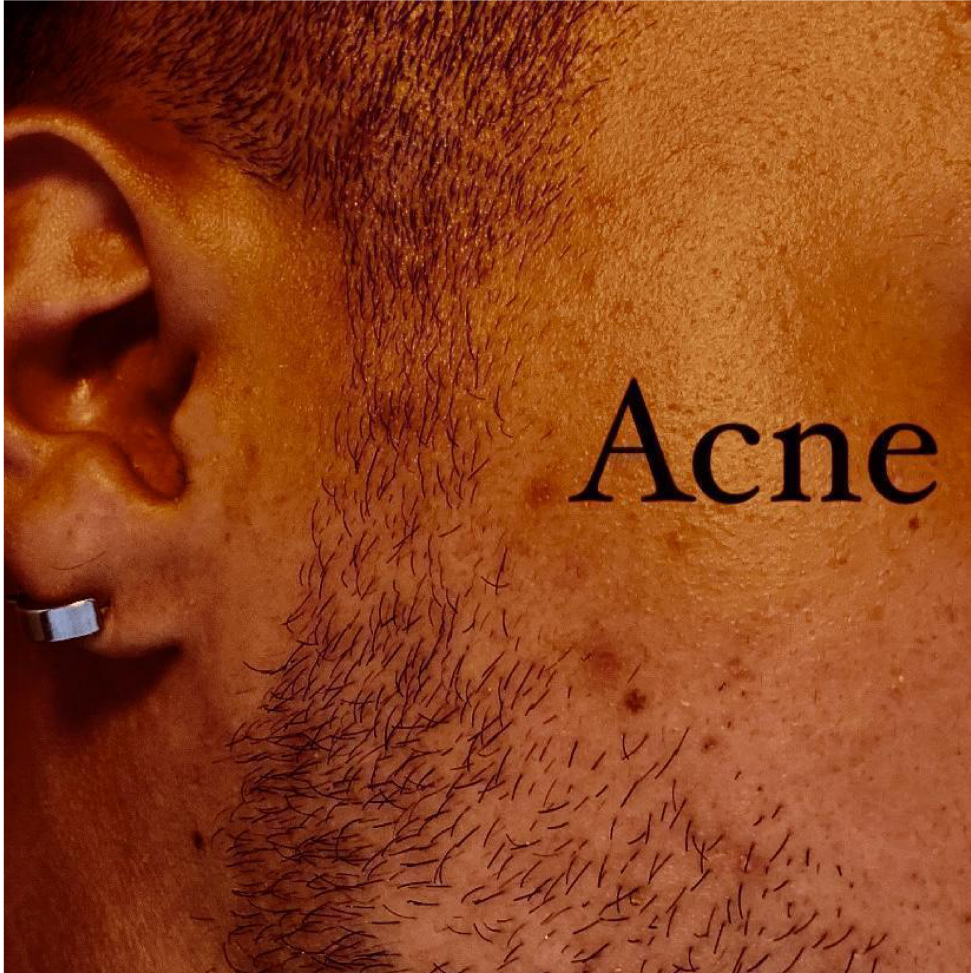


Figura 45: Asfaltos



Figura 46: Marca de Nascimento



Figura 47: Aquela Abelha



Figura 48: I am a mermaid?

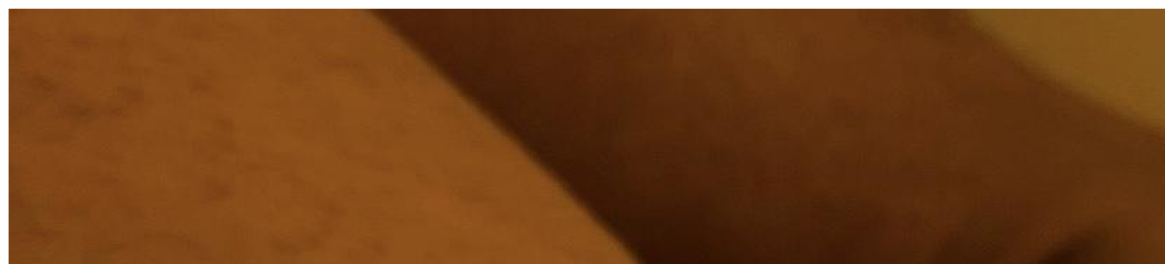


Figura 49: Tattoo



Figura 50: Marcas da Arte manual



Figura 51: Linha da Vida marcada?



Figura 52: Catapora

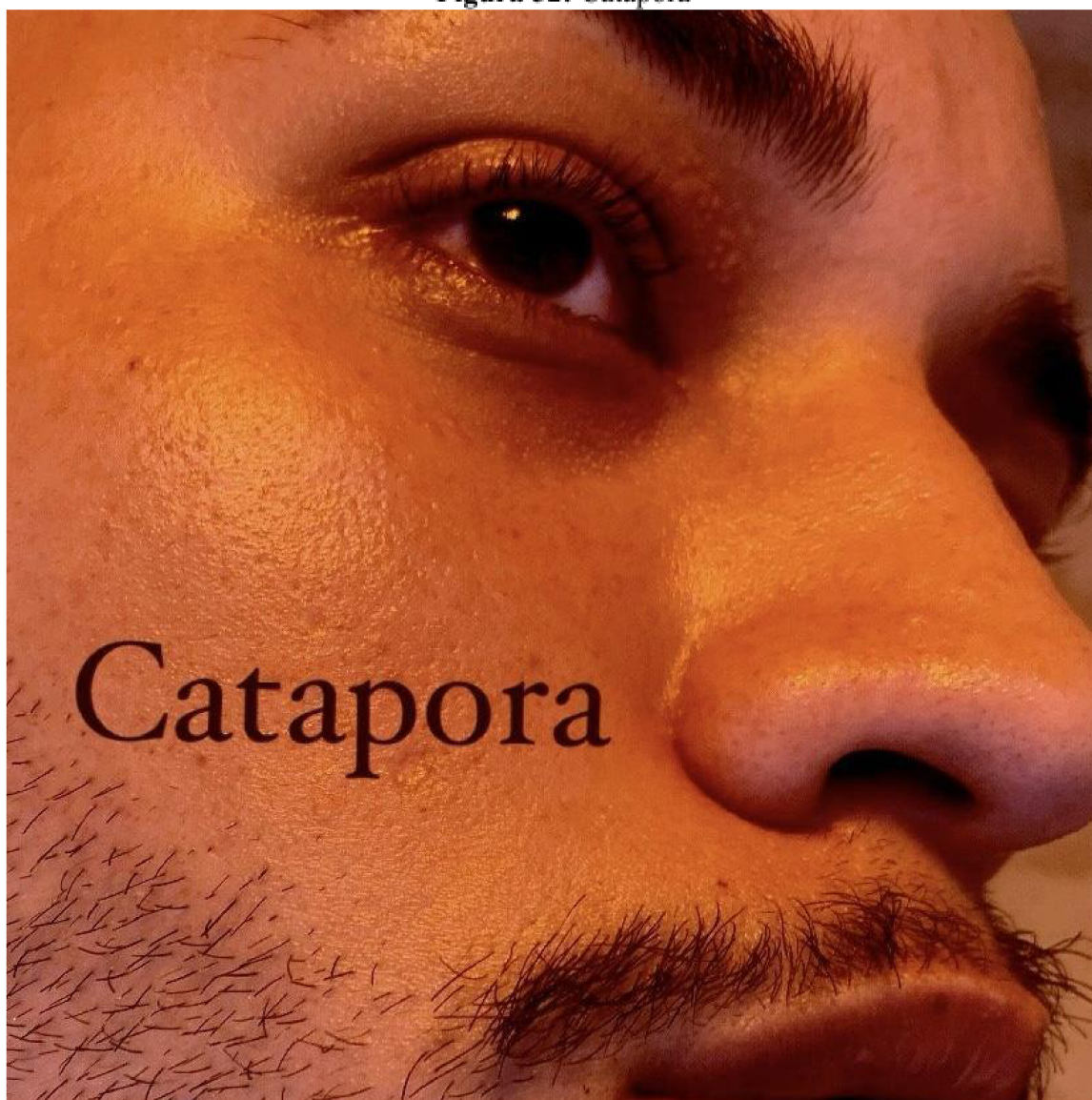


Figura 53: Amor de pet

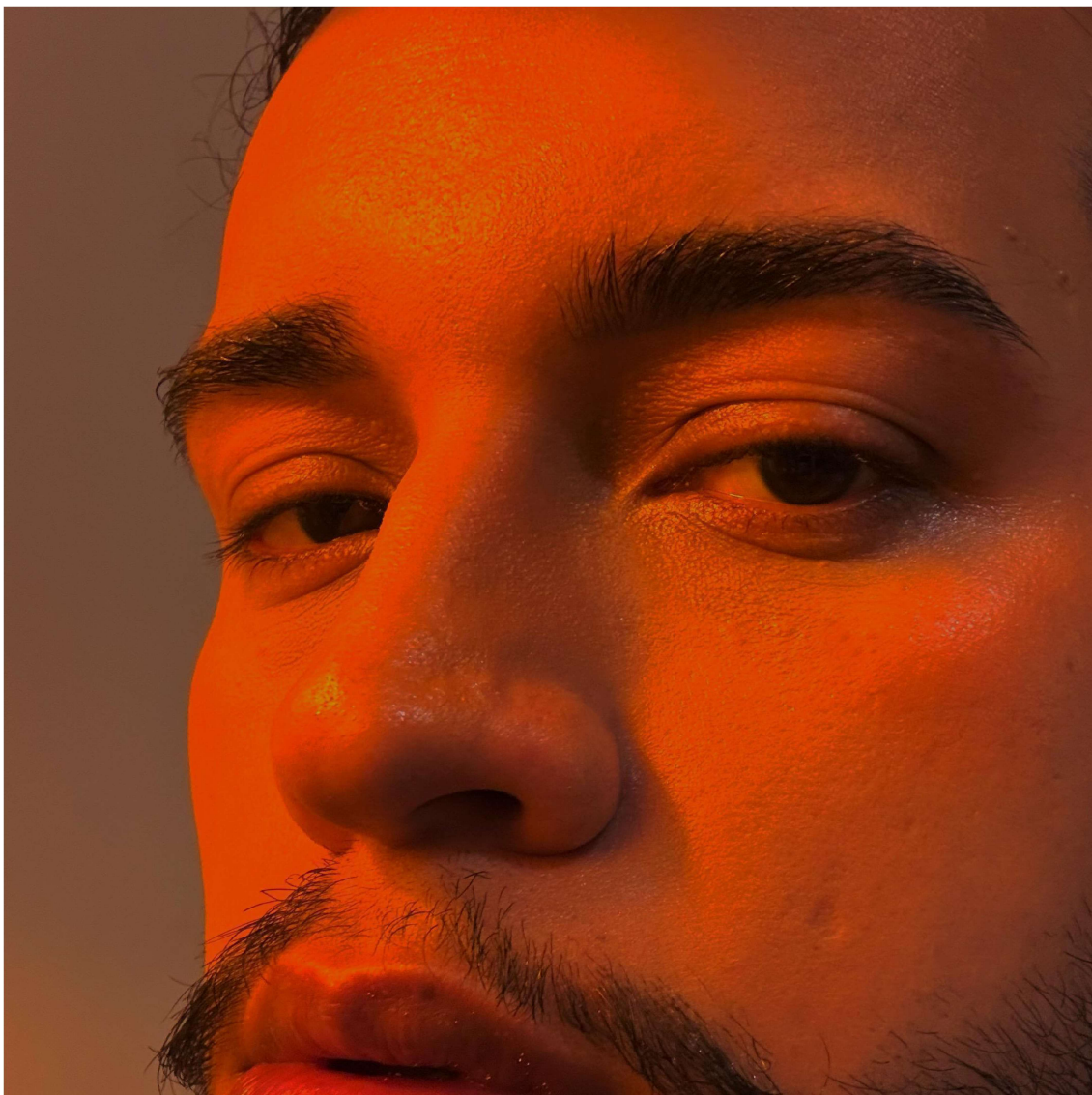


Figura 54: Tristeza zone

Figura 55: Dedos de Artista



Figura 56: Marcos Reis



3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do *Museu das Cicatrizes* representou não apenas a realização de uma proposta artística, mas também um mergulho profundo em questões subjetivas relacionadas ao corpo, à memória e à identidade. Através da linguagem da foto-instalação e da foto-performance, foi possível explorar o corpo como território simbólico, capaz de comunicar experiências, dores, marcas e afetos que nos constituem ao longo da vida.

A ambientação do espaço expositivo, pensada cuidadosamente para provocar uma imersão sensorial no espectador, ampliou o potencial de comunicação da obra. Elementos como a luz quente, remetendo ao calor humano, e as cores que evocam os tons da pele, criaram uma atmosfera que convida à reflexão íntima e empática. A areia disposta sobre o chão, por sua vez, remete às pegadas deixadas por nossos passos, às cicatrizes físicas e emocionais que nos acompanham, transformando o espaço em um campo de memória compartilhada.

A realização e a seleção das imagens foi outro ponto essencial do processo. Os recortes fotográficos dispostos no ambiente construíram uma narrativa visual fragmentada, que ao mesmo tempo sugere continuidade e reconstrução. Cada imagem, com sua carga simbólica, contribui para a formação de um corpo coletivo, um corpo composto por vivências diversas, que se entrelaçam para narrar a complexidade da existência humana.

Assim, este trabalho se revelou como um exercício de autoconhecimento, de escuta do próprio corpo e de abertura para o outro. A arte, nesse contexto, se mostrou como um meio potente para elaborar vivências, ressignificar experiências e construir pontes entre o íntimo e o coletivo. O *Museu das Cicatrizes* não é apenas uma exposição, mas um convite à sensibilidade e ao reconhecimento da beleza e humor presente até mesmo nas marcas que carregamos.

5. BIBLIOGRAFIA

ANNONCIATION. Brotherus, Elina. Disponível em: <https://www.elinabrotherus.com/annonciation/>. Acesso em: 28 mar. 2025 as 17:00.

ARTE REF. O que é instalação? Saiba tudo aqui. *ArteRef*, 11 fev. 2020. Disponível em: <https://arteref.com/instalacao/o-que-e-instalacao-saiba-tudo-aqui/>. Acesso em: 16 abr. 2025.

ART EXCHANGE. Kira O'Reilly. *ArtExchange.life*, [s. d.]. Disponível em: <https://www.artexchange.life/collaborators-artist-galleries/kira-o%E2%80%99reilly>. Acesso em: 21 abr. 2025.

ARTRIANON. Obra de arte da semana: *The Dinner Party*, de Judy Chicago. Artrianon, 04 fev. 2020. Disponível em: <https://artrianon.com/2020/02/04/obra-de-arte-da-semana-the-dinner-party-de-judy-chicago/>. Acesso em: 21 abr. 2025.

AZIZ + CUCHER. Disponível em: <https://www.azizcucher.net/work>. Acesso em: 02 abr. 2025 as 14:00.

CAUQUELIN, Anne. *Arte contemporânea: uma introdução*. Tradução de Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.p.62.

CAROLEE SCHNEEMANN. Disponível em: <https://www.azizcucher.net/work>. Acesso em: 21 fev. 2025 21:00.

CLARK, Lygia. *ROBHO nº 4*. Portal Lygia Clark, [s. d.]. Disponível em: <https://portal.lygiac Clark.org.br/acervo/1879/robho-n4>. Acesso em: 21 abr. 2025.

CONSTANTINO, Nicola. Sabin de Corps. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ib2y1496MCs>. Acesso em: 20 fev 2025 15:00.

CORTEZ, Natacha. Daydream. *Revista Tpm*, São Paulo, 27 nov. 2012. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/daydream>. Acesso em: 16 abr. 2025.

ESCRITÓRIO DE ARTE. Yayoi Kusama. Disponível em: <https://www.escriptoriodearte.com/artista/yayoi-kusama> acesso em 18 de fev as 20:00.

GALERIA LUCIANA BRITO. Marina Abramović – *Floating*, from the series *Places of Power* (2013). Viewing Rooms. Disponível em: <https://lucianabritogaleria.viewingrooms.com/artists/36-marina-abramovic/works/10590-marina-abramovic-floating-from-the-series-places-of-power-2013/>. Acesso em: 21 abr. 2025.

HIGHL!KE. Kira O'Reilly and Manuel Vason. HighLike, [s. d.]. Disponível em: <https://highlike.org/text/kira-oreilly-and-manuel-vason/>. Acesso em: 21 abr. 2025.

JAY, David. *David Jay Photography*. LensCulture. Disponível em: <https://www.lensculture.com/davidjayphotography>. Acesso em: 21 abr. 2025.

Lana Del Rey – Kintsugi: letra, significado e sobre o que fala. *Capital FM* [tradução automática], 2023. Disponível em: https://www-capitalfm-com.translate.goog/artists/lana-del-rey/kintsugi-lyrics-meaning-about-what/?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt&_x_tr_pto=tc. Acesso em: 21 abr. 2025.

MIRANDA, Gabriela. “*Performance nas artes visuais*”: questão teórica 07. *Arte no Mundo*, 16 nov. 2010. Disponível em: <https://artenomundo.wordpress.com/2010/11/16/performance-nas-artes-visuais%E2%80%9D9D-questao-teorica-07/>. Acesso em: 21 abr. 2025.

OTAVIO, Chico. David Jay, fotógrafo: "O limiar entre a vida e a morte, sem Photoshop". *O Globo*, Rio de Janeiro, 9 ago. 2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/conte-algo-que-nao-sei/david-jay-fotografo-limiar-entre-vida-a-morte-sem-photoshop-13561822>. Acesso em: 21 abr. 2025.

TODAMATÉRIA. Instalação artística: obras e artistas. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/instalacao-artistica-obras-e-artistas/>. Acesso em: 11:03. 2025. as 19:00.

PANDORA PIX. *The Annunciation*, de Duane Michals. [imagem]. Disponível em: <https://www.pandorapix.com/wp-content/uploads/2021/09/Screenshot-2023-09-20-at-15-4>

0-59-duane-michals-the-annunciation.jpg-imagem-JPEG-705-%C3%97-470-pixels1.png.

Acesso em: 21 abr. 2025.

REVISTA TERRA, Fotos mostram cicatrizes de mulheres após mastectomia. *Terra*, 13 abr. 2012. Disponível em: <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/comportamento/fotos-mostram-cicatrizes-de-mulheres-apos-mastectomia,85a5c701497ce310VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html>. Acesso em: 21 abr. 2025.

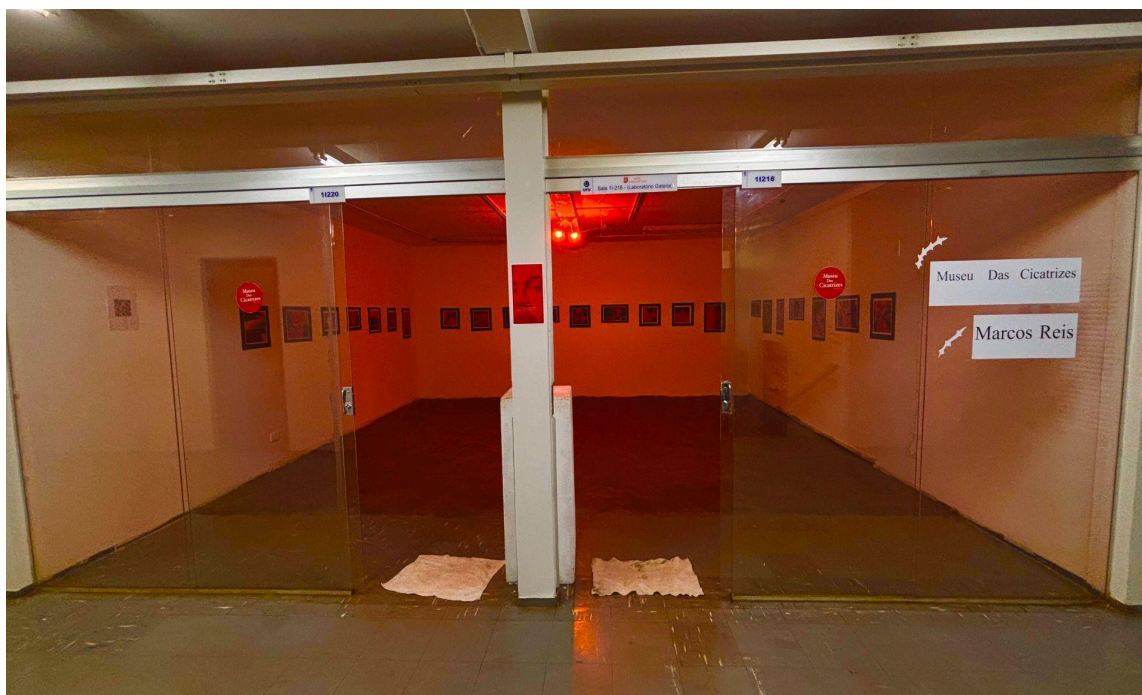
SCAR Project: fotos mostram cicatrizes de mulheres após mastectomia. *Resumo Fotográfico*, 27 fev. 2012. Disponível em: <https://www.resumofotografico.com/2012/02/projeto-scar-de-david-jay.html>. Acesso em: 21 abr. 2025.

SMARTHISTORY. Christian Boltanski, *Personnes* (2010). Smarthistory, [s. d.]. Disponível em: <https://smarthistory.org/christian-boltanski-personnes-2010/>. Acesso em: 21 abr. 2025.

VEIGA, Adriana. Inhotim reabre icônica obra de Cildo Meireles. *Viagem e Turismo*, 17 dez. 2021. Disponível em: <https://viagemeturismo.abril.com.br/brasil/inhotim-reabre-iconica-obra-de-cildo-meireles/>. Acesso em: 21 abr. 2025.

ANEXOS

1 Fotos tiradas na exposição do museu das cicatrizes













2 Lista de visitantes da exposição do museu das cicatrizes.

Carlos Rodrigues do Silva
 Lúcia Mirella D. Berger
 Matheus Rodrigues da Silva
 Jôna Barbara M. Almeida
 Sofia Martins Daires
 Gabriel Augusto Gomes
 Sofia Santos Mde Imitoban
 Jéica Camarada Pinto de Araújo
 Lígia Anunciação Oliveira
 Karina Dias
 Beatriz M. Santana
 Ana Julia Oliveira Laranjeira
 Bruno Bricolages
 Julia Narvina
 Priscila Rampin
 Thais de Moraes Souza
 Gilmara Tueda
 Luis E. Paula
 Shemyffer Cioqueto

ABCU
 09/04

Lista de Assinatura dos Visitantes da Exposição

Nome	Assinatura
Vitor Oliveira Araújo	<i>Oliveira</i>
Bruna Sufomara de Sousa	
Malu Teodoro	<i>tu</i>
Jacqueline Edinilda da Silva	<i>Jaqueline</i>
Felipe Melo	<i>Felipe</i>
Ana Carolina M. Lima	<i>Ana Carolina</i>
Bryane Rodrigues Marques	<i>Bryane</i>
Ara Duiza Baraloz	<i>Ara Duiza</i>
Natália S.B. Baraloz	<i>Natália</i>
Walter Vinagre	
Jennifer Cruz	
Samuel	<i>Samuel</i>
Mário Júlio	<i>Mário</i>
Guilherme Henrique Falcão	<i>Guilherme</i>
Guilherme Henrique Aquino Ribeiro	<i>GH</i>
Marcos T. Macedo	<i>Marcos</i>
Maria Cristina Santana Lopes	<i>Maria</i>
Lucas Macedo Galvão	<i>Lucas</i>
Isabella C.F. Borges	<i>Isabella</i>
Rafaela D.B. Costa	<i>Rafaela</i>

Lista de Assinatura dos Visitantes da Exposição

Nome	Assinatura
Laura Pazini de Mattos Siqueira	Laura Pazini M.
Verem Flapague Simões	Verem Simões
John Rhayllander	John
Giovanna Nasser Dias e Silva	GN
Cecilia Araújo Figue	CA
Maris Edson B. Oliveira	ME
Andrize Luana Brantes da Silva	AB
Renê Alves Souza	Renê
Mariana Carvalho	Mariana
Edmar de Paula S. Pereira	Edmar
Maricelly Rocha Louzeiro	Maricelly Rocha Louzeiro
Fábio Augusto Cavallha Lacerda	Fábio Lacerda
Hannelle M.T. de Camargo.	Hannelle
Ana Luiza Fagiolli	Fagiolli
Yamini P. Melo	
Stephany Vitória Figueiredo	Stephany
João Pedro Teixeira	João Pedro Teixeira
Leandro Clemente dos Santos	Leandro Clemente
Jon Gibson Xim Viana	Jon
Patrícia A.S. Ossa	Patrícia Ossa